

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GESTÃO  
INTEGRADA DO TERRITÓRIO – GIT

OS SÍMBOLOS SAGRADOS DA IGREJA SÃO JOÃO BATISTA E A  
CONFIGURAÇÃO DE MULTITERRITORIALIDADES EM ITUETA (MG)

Débora Tameirão Lisboa

Governador Valadares  
Outubro, 2019

DÉBORA TAMEIRÃO LISBOA

OS SÍMBOLOS SAGRADOS DA IGREJA SÃO JOÃO BATISTA E A  
CONFIGURAÇÃO DE MULTITERRITORIALIDADES EM ITUETA (MG)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Falco Genovez

Governador Valadares  
Outubro, 2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

L769s Lisboa, Débora Tameirão

Os símbolos sagrados da igreja São João Batista e a configuração de multiterritorialidades em Itueta (MG) / Débora Tameirão Lisboa. – 2019.

102 f. : il.

Dissertação (mestrado em Gestão Integrada do Território) – UNIVALE – Universidade do Vale do Rio Doce, 2019.

Orientação: Patrícia Falco Genovez.

1. Arquitetura religiosa - Itueta. 2. Semiótica e arquitetura – Itueta. I. Título.

CDD- 401.41

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE**  
**Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território**

**DÉBORA TAMEIRÃO LISBOA**

**“Os Símbolos Sagrados da Igreja de São João Batista e a Configuração de  
multiterritorialidades em Itueta (MG)”**

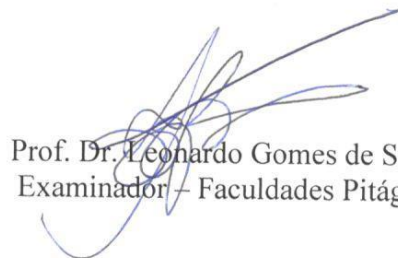
Dissertação aprovada em 30 de outubro de  
2019, pela banca examinadora com a seguinte  
composição:



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Falco Genóvez Orientador –  
Orientadora - Universidade Vale do Rio Doce



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Terezinha Bretas Vilarino –  
Examinadora – UNIVALE/UFVJM



Prof. Dr. Leonardo Gomes de Souza  
Examinador – Faculdades Pitágoras

DÉBORA TAMEIRÃO LISBOA

OS SÍMBOLOS SAGRADOS DA IGREJA SÃO JOÃO BATISTA E A  
CONFIGURAÇÃO DE MULTITERRITORIALIDADES EM ITUETA (MG)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Território, migração e cultura

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Falco Genovez

Governador Valadares  
Outubro, 2019

Banca examinadora:

---

Prof. Dra. Patrícia Falco Genovez – Orientadora  
Universidade Vale do Rio Doce

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Terezinha Bretas Vilarino  
Universidade Vale do Rio Doce

---

Prof. Dr. Leonardo Gomes de Souza  
Faculdade Pitágoras de Governador Valadares

Dedico a todos os desenraizados involuntariamente no lugar,  
na cultura, na mente, no sentimento.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus. Por Sua graça e proteção em minha vida, que me proporcionaram chegar até aqui e me permitiram mais um passo de aproximação, desta vez, em conhecimento e sabedoria adquiridos no processo deste mestrado.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio, incentivo, carinho e compreensão da minha ausência.

A “Turma do GIT” pelo aprendizado, troca e apoio! Em especial, ao fantástico quarteto a que pertenço junto Aline, Viviane e Carlaila, pelo carinho, parceria, cumplicidade, sorrisos e lágrimas; #domestradoparaavida.

Aos amigos que enterram minha ausência em muitos momentos, em especial, a Marianna que incentivou e apoiou, com risos, lamentos e momentos de alívio e, junto comigo se “engitissou” nesta caminhada árdua, rica e transformadora.

Aos colegas e alunos do curso de arquitetura e urbanismo da UNIVALE, que acompanharam parte dessa jornada. Ao João Marcos meu conselheiro e ouvinte paciente e solidário.

Ao pessoal do escritório, principalmente, Alex que escutou muito e Taina que ajudou a tratar as imagens.

Aos moradores de Itueta que se aproximaram, ofereceram ajuda e, mesmo sem que eu pedisse, se abriram para falar de incômodos tão íntimos e perturbadores vividos no contexto desta pesquisa.

As funcionárias e professores do GIT, que apoiaram e incentivaram durante todo o curso.

E de um modo muito especial, à minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Patrícia Falco Genovez, que aceitou este desafio, compreendeu meu processo, minha falta de tempo e me conduziu com substancial conhecimento e paciência.

A todos, minha mais sincera GRATIDÃO!

“A igreja não é simplesmente um edifício para proteger os fiéis das intempéries, é antes de tudo uma ‘palavra’; seus muros devem ‘falar’; seu ambiente, todos os seus contornos são símbolos; seus muros devem ser o ‘Evangelho dos Pobres’, dos iletrados, todo o seu conjunto interno e externo deve ter ‘significação’.” (Carlos Oswald)



## RESUMO

Itueta, cidade pertencente às Regiões Geográficas Intermediária de Governador Valadares e Imediata de Aimorés-Resplendor, no estado de Minas Gerais, com surgimento no início do século XIX. Era uma típica cidade pequena do interior mineiro quando teve sua história marcada pelo deslocamento forçado em função da construção da hidrelétrica de Aimorés (MG). Este longo processo iniciado em 1990 se consolidou em 2005 e impactou sua população de muitas maneiras: tanto material quanto imaterialmente. A igreja católica da matriz da paróquia de São João Batista ilustra alguns reflexos deste impacto. O templo entregue pelo consórcio responsável pela construção da barragem, foi rejeitado pela comunidade, que atualmente constrói uma outra igreja ao seu lado. Ela possui uma arquitetura diferente deste templo construído pelo consórcio. Seus traços são semelhantes à igreja que existia na cidade antiga. Com esta base buscamos compreender as implicações dos símbolos da igreja católica, considerados sagrados pela população de Itueta, na constituição das multiterritorialidades dessa comunidade. Usamos a semiótica social para desenvolver as análises dos três templos: a igreja da antiga Itueta, a igreja do consórcio e a igreja da comunidade e seus símbolos. Ao final das análises, entendemos que não há no templo do consórcio ligação com a comunidade, ou seja, perdeu-se a referência visual de continuidade histórica necessária na formação da identidade da comunidade e concluímos que existem territórios sobrepostos neste cenário, revelados pela necessidade dos símbolos, concomitantemente entendemos que os símbolos são instrumentos de territorialização. Assim, constituem-se multiterritorialidades relacionadas aos símbolos sagrados em Itueta. Compreendemos que a comunidade e sua história, seus costumes e crenças, sua cultura e identidade, são maiores, mais fortes e mais poderosas que o consórcio, seu dinheiro e as suas articulações políticas.

**PALAVRAS CHAVES:** Arquitetura Sacra. Multiterritorialidades. Itueta. Semiótica Social.

## ABSTRACT

Itueta, a city belonging to the Governor Valadares Intermediate and Immediate Geographic Regions of Aimorés-Resplendor, in the state of Minas Gerais, with its appearance in the early nineteenth century. It was a typical small town in the interior of Minas Gerais when its history was marked by forced displacement due to the construction of the dam of Aimorés (MG). This long process started in 1990 was consolidated in 2005 and impacted its population in many ways, both materially and immaterially. The Catholic Church of the parish church of St. John the Baptist illustrates some reflections of this impact. The temple delivered by the consortium responsible for building the dam was rejected by the community, which currently builds another church by its side. It has a different architecture from this temple built by the consortium. Its features are similar to the church that existed in the ancient city. With this basis we seek to understand the implications of the symbols of the Catholic Church, considered sacred by the population of Itueta, in the constitution of the multiterritorialities of this community. We use social semiotics to develop the analyzes of the three temples: the old Itueta church, the consortium church, and the community church and its symbols. At the end of the analysis, we understand that there is no link in the consortium's temple with the community, that is, the visual reference of historical continuity necessary in the formation of the community's identity was lost and we concluded that there are overlapping territories in this scenario, revealed by the need of the We simultaneously understand that symbols are instruments of territorialization. Thus, they constitute multiterritorialities related to the sacred symbols in Itueta. We understand that the community and its history, its customs and beliefs, its culture and identity, are bigger, stronger and more powerful than the consortium, its money and its political articulations.

**KEY WORDS:** Sacred Architecture. Multiterritorialities. Itueta. Social Semiotics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Itueta antiga, por volta de 1925.....	12
Figura 2 – Mapa atual da cidade de Itueta.....	13
Figura 3 – Igreja católica da antiga Itueta.....	14
Figura 4 – Os dois templos católicos da nova Itueta.....	15
Figura 5 – Igreja Católica da Antiga Itueta.....	62
Figura 6 – Igreja Santa Luzia.....	62
Figura 7 – Igreja Santo Antônio de Pádua.....	62
Figura 8 – Igreja N. S. das Graças.....	62
Figura 9 – Igreja matriz paróquia São João Batista na antiga Itueta.....	66
Figura 10 – Igreja antiga com destaque das linhas da fachada.....	67
Figura 11 – Interior da igreja da memória.....	68
Figura 12 – Igreja matriz paróquia São João Batista entregue pelo consórcio na nova Itueta.....	70
Figura 13 – Interior da igreja do consórcio.....	72
Figura 14 – Igreja em construção pela comunidade na nova Itueta.....	74
Figura 15 – Comparação da altura nas igrejas na nova Itueta.....	75
Figura 16 – Igreja antiga com destaque das linhas da fachada.....	76
Figura 17 – Trabalhador retirando a cruz da torre.....	81
Figura 18 – Detalhe do altar.....	82
Figura 19 – Estrela feita pelo morador para a igreja.....	83
Figura 20 – Registro externo da demolição da igreja.....	84

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1. O CENÁRIO DA PESQUISA.....	12
1.2. AS IGREJAS CATÓLICAS DAS CIDADES DE ITUETA NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR .....	18
1.3. ASPECTOS DO TEMA E SEU ESTUDO A PARTIR DO PROGRAMA DE GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO.....	20
<b>2. PORTADA – ABERTURA PARA OS DEBATES E O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO</b> .....	24
2.1. ITUETA: O LADRÍLIO DA NOSSA BASE .....	24
2.2. DESLOCAMENTO FORÇADO E O SOFRIMENTO SOCIAL: A VIASACRA NA PAREDE .....	27
2.3. “ATINGIDOS” POR BARRAGENS X DESENRAIZADOS: ÓCULO PARA ILUMINAR O INTERIOR.....	31
2.4. SÍMBOLOS SAGRADOS .....	34
<b>3. SACRISTIA: A DISCUSSÃO TEÓRICA E OS ASPECTOS METODOLÓGICOS PERTENCENTES ÀS IGREJAS DE ITUETA</b> .....	40
3.1. FONTE BATISMAL: SEMIÓTICA SOCIAL.....	54
<b>4. NAVE PRINCIPAL: AS IGREJAS, OS SÍMBOLOS E AS MULTITERRITORIALIDADES</b> .....	60
4.1. A IGREJA DA MEMÓRIA.....	64
4.2. A IGREJA DO CONSÓRCIO .....	69
4.3. A IGREJA DA COMUNIDADE .....	74
4.4. CONFESSIONÁRIO: ESPAÇO PARA EXPOR O SENTIMENTO GUARDADO .....	80
<b>5. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	95

## 1. INTRODUÇÃO

A cidade de Itueta localiza-se no leste do estado de Minas Gerais, nas Regiões Geográficas Intermediária de Governador Valadares e Imediata de Aimorés-Resplendor, com 5.830 habitantes<sup>1</sup>. A cidade teve seu desenvolvimento associado à linha férrea, instalada na região no início do século XX, tornando-se base da colonização local, “envolvendo elevado número de famílias de grupos étnicos europeus, sobretudo italianos e alemães”<sup>2</sup>.

No início do século XXI, Itueta teve sua história marcada pelo deslocamento forçado<sup>3</sup> da população da cidade inteira em função da construção da hidrelétrica de Aimorés-MG<sup>4</sup>. Construção esta que inundou grande parte do local onde se encontrava a cidade de Itueta, margens do Rio Doce. O processo foi longo, finalizado no ano de 2005.

A temática do Deslocamento Forçado, que foi considerada nessa pesquisa, é complexa e exige uma perspectiva holística que falta aos estudos existentes, conforme demonstrado no levantamento bibliográfico. Demarcamos dentro dessa complexidade um diálogo interdisciplinar articulando de modo mais específico os símbolos sagrados referentes à igreja católica de Itueta (MG) e a configuração de multiterritorialidade expressas na construção de um novo templo católico, por iniciativa da própria comunidade.

Foi considerado como “constituição territorial” o desenvolvimento de vínculo, estado de pertencimento do homem com o espaço em que habita. De qual forma esse lugar influencia e, por sua vez, sofre influência também da comunidade que se apropria do espaço, para além da dimensão material. Desta mesma maneira, o entendimento de “configuração de multiterritorialidades”, parte das definições apresentadas por Haesbaert (2004), citado em Fernandes (2016) para explicar que existem múltiplas apropriações de um mesmo território (*multiterritorialização*), apontando para uma dimensão simbólica na qual as comunidades enfatizam que

---

<sup>1</sup> Dado do senso de 2.010. Fonte: IBGE

<sup>2</sup> Fonte: Prefeitura Municipal de Itueta, 2018

<sup>3</sup> Pessoa ou grupo forçado a se deslocar involuntariamente por variáveis motivos, em função disso podendo ser separados por categorias, como as determinadas por Muggah e Folly (2017): refugiados, desastres, desenvolvimento, violência.

<sup>4</sup> A hidrelétrica de Aimorés começou a ser construída em julho de 2000 para aproveitar o potencial energético do Rio Doce, na divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. A Licença de Instalação foi expedida em fevereiro de 2001 e a Licença de Operação em abril de 2005.

não possuem terra e sim território e que este não tem preço, pois seu modo de vida extrapola sua dimensão material (FERNANDES, 2016).

Por fim, nesse estudo foram considerados como símbolos sagrados objetos, gestos, elementos, ações ou ornamentos<sup>5</sup> que representam, para o sujeito que crê, uma versão das coisas terrenas que são vias que o levam ao divino, e que carregam significado além do material e visual. O autor se serviu de base para a pesquisa realizada e que coaduna com o mesmo entendimento, é Urbano Zilles, (filósofo da religião e sacerdote católico, escreveu alguns livros que tratam dos símbolos sagrados dentro e fora da esfera da religião católica e entende que dentro do contexto religioso os símbolos representam a face do homem e das coisas deste mundo que se tornam caminho que leva ao divino, permitindo “ver” uma parte que está escondida, o símbolo é um meio através do qual o homem é capaz de se ligar a Deus.) (ZILLES, 2006).

A dinâmica do contexto indicado nos coloca diante de inúmeros problemas de pesquisa. Contudo, foi buscado esclarecer principalmente questões relacionadas em sobre as implicações dos símbolos sagrados da Igreja Católica de Itueta e sua constituição das multiterritorialidades dessa comunidade.

Para uma melhor compreensão desse processo, voltamos nossos esforços, nessa introdução, para o cenário da pesquisa e sua problematização, envolvendo as igrejas pesquisadas e a arquitetura sacra no Brasil, mais especificamente, em Minas Gerais do final do século XIX e início do século XX. A perspectiva interdisciplinar deste cenário e aspectos pontuais que justificaram a escolha desse objeto e seu estudo a partir do programa de Gestão Integrada do Território.

Do ponto de vista metodológico trabalhamos com vídeos disponibilizados por moradores, disponíveis no Observatório Interdisciplinar do Território e na *internet*, além de fotos obtidas ao longo do trabalho observacional não participante, realizado em campo. Neste sentido, foram utilizadas falas dos moradores e suas impressões sobre o deslocamento a partir de trabalhos já publicados ou disponibilizados virtualmente. Recentemente, em nossa última visita ao campo, um morador nos disponibilizou um vídeo sobre o templo construído pelo consórcio e a igreja em construção pela comunidade.

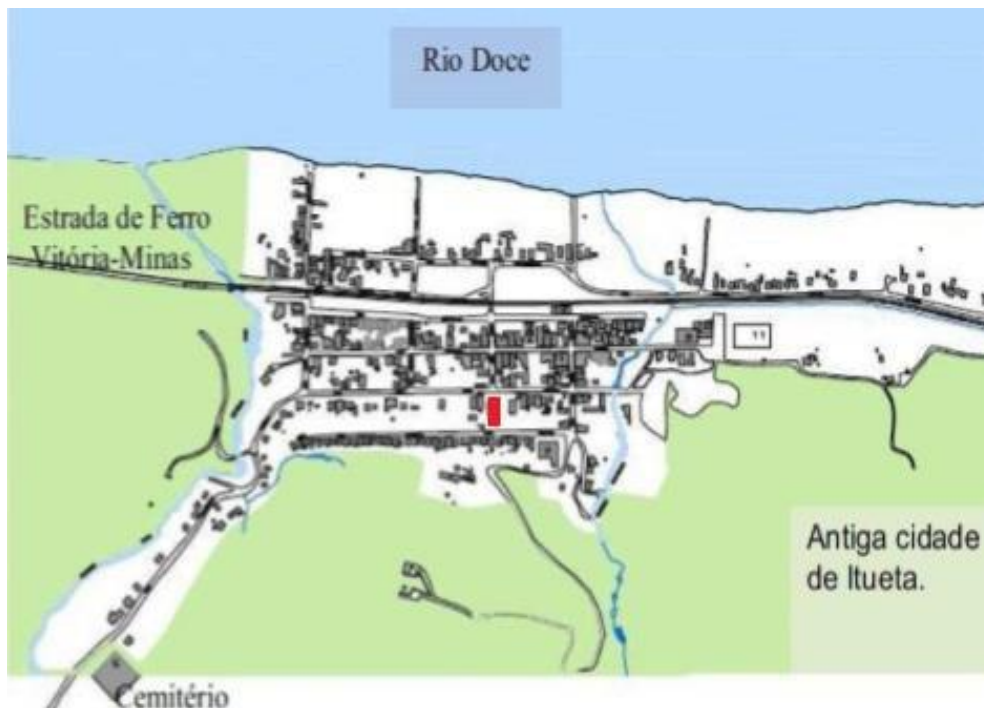
---

<sup>5</sup> São elementos fundamentais da arquitetura, usados para dar vida a superfícies, destacar parte de uma composição e tornar uma edificação mais atraente.

## 1.1. O CENÁRIO DA PESQUISA

Foi tido como cenário da pesquisa, as igrejas católicas da antiga e da nova Itueta (igreja antiga e a igreja construída pelo Consórcio)<sup>6</sup> e a igreja da comunidade, ainda em construção. Para a compreensão e aprofundamento da pesquisa foi necessário entender o contexto urbano de inserção destas igrejas. Nos mapas a seguir, vemos a localização dos templos nas duas cidades:

Figura 01 – Itueta antiga, por volta de 1925.



Fonte: SANTOS, T.M. 2013, p.15

---

<sup>6</sup> A Usina Hidrelétrica de Aimorés foi construída sob a responsabilidade de um Consórcio formado pela Companhia Vale do Rio Doce (51%) e CEMIG (49%).

Figura 02 – Imagem de satélite atual da Cidade de Itueta.



Fonte: *Google Maps*, modificado pela autora.

Na figura 01 observamos a localização centralizada da igreja matriz da paróquia de São João Batista na antiga Itueta, ao final de uma das principais ruas da cidade e, (embora não fique claro nesta imagem), em um ponto mais elevado que a maioria das edificações em seu entorno. Na figura 02, a seta indica a localização da igreja na “nova Itueta”, ao lado do córrego e sem muitas edificações nas proximidades, fora da circulação principal da cidade e no sentido oposto ao vetor de crescimento residencial. Está também, localizada nas proximidades da principal praça da cidade, que é proporcionalmente grande para a quantidade de moradores. Além das significativas alterações iniciais apresentadas, a nova edificação tem ao seu redor os prédios da prefeitura e do museu da nova cidade, contudo a nova igreja está localizada em um nível mais baixo que a praça, não tendo o destaque que possuía na cidade antiga. As referidas alterações de localidade e equipamentos ao



seu redor, acabam provocando um esvaziamento no fluxo de pessoas no cotidiano da cidade, as dimensões da praça e o córrego também ajudam a distanciar a população que antes se reunia em frente a igreja para o convívio social (Costa, 2011).

Nas figuras 03 e 04 identificamos as igrejas que foram estudadas. Mesmo sem qualquer esforço é possível perceber várias diferenças externas entre a igreja construída pelo consórcio e as outras duas novas edificações, tanto a igreja antiga e a nova igreja construída pela comunidade.

Figura 03 – Igreja católica da antiga Itueta.



Fonte: Morador de Itueta

Figura 04 – Os dois templos católicos da nova Itueta.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Durante a pesquisa realizamos análises aprofundadas dos símbolos e elementos arquitetônicos que cada uma das igrejas carrega. Contudo, com uma simples observação, olhando para as imagens de maneira incipiente, podemos perceber que na igreja da antiga Itueta e no templo em construção, encontramos de maneira marcante uma torre centralizada na fachada, com uma cruz em seu topo e telhado aparente, além de muitas janelas e da localização no alto de uma escadaria.

Na igreja que foi entregue pelo consórcio não vemos janelas, nem torre, a porta de entrada é lateral, assim como a escada. A cruz está presente, porém, se localiza ao lado da porta de entrada, (inclusive verificamos que ela foi colocada lá pela comunidade algum tempo após o templo ser entregue), além disso a igreja do consórcio tem formato arrendado, muito diferente da forma das outras edificações analisadas, que tem fachada em plano perpendicular à paredes laterais da igreja.

Na cidade de Itueta que foi demolida, a igreja católica antiga se constituía numa referência social e arquitetônica que ultrapassava a sua própria comunidade de fiéis (Costa, 2011). Desta forma, nossa hipótese inicial foi que a transposição afetou todos os habitantes da cidade. Foi em meio a esse processo de

deslocamento forçado que ocorreu a construção de um novo templo, com aparência distinta da antiga igreja. (Genovez et al., 2012, SANTOS, 2013)

A imagem da edificação religiosa mostrou ter significado simbólico não só para a comunidade católica da cidade, mas para toda a população que “convivia” com esses símbolos que, além de identifica-los, os respeitavam e lhes conferiam legitimidade e importância. Este significado foi constituído em meio a um longo processo. Os símbolos da arquitetura sacra são aplicados no ambiente religioso das igrejas católicas, desde as primeiras edificações cristãs. Foram fortalecidos ao longo dos anos, bem como passaram por modificações de acordo com a época de sua aplicação.

No Brasil, a história da arquitetura sacra católica se inicia juntamente com a chegada dos portugueses. Embora seja importante lembrar que antes do descobrimento português, haviam edificações religiosas pertencentes às várias etnias indígenas que aqui habitavam.

As primeiras igrejas católicas no Brasil foram construídas na região litorânea. Segundo Frade (2012), além de motivos religiosos, esta concentração no litoral foi uma intenção estratégica dos colonizadores, já que na época poderes políticos e religiosos mantinham uma relação de grande proximidade. Nos dois primeiros séculos de história brasileira, as igrejas seguiram um “padrão arquitetônico” das ordens dos Jesuítas e Franciscanos, que foram as ordens missionárias enviadas pela Igreja Católica Apostólica Romana, para o Brasil. Estes padrões tiveram que sofrer algumas adaptações em função das limitações técnicas e de materiais disponíveis à época no país. Eram igreja simples, na sua maioria com nave retangular e capelas laterais, sem cúpula<sup>7</sup>, mas com pelo menos uma torre (FRADE, 2012).

Em meados de 1700 deu-se a descoberta das minas de ouro no interior do país. A partir de então a colonização se volta para o interesse no tão valioso metal. As edificações religiosas no Brasil seguem este mesmo movimento. Os primeiros aventureiros formaram núcleos populacionais que se transformaram nas primeiras cidades mineiras. Segundo Frade (2012, p.60) este é o “palco do nascimento e do apogeu da arquitetura religiosa barroca brasileira”. O estilo barroco é adotado em

---

<sup>7</sup> Cúpula - parte interior e côncava de uma abóbada hemisférica ou esferoide; parte exterior e convexa desse tipo de abóbada; domo, zimbório.

todo território nacional nas edificações religiosas, mas em Minas Gerais ele se emprega de maneira singular em função de alguns fatores: o isolamento geográfico, o poder econômico gerado pelo ouro, a presença de mestre de obras portugueses e a ausência das ordens religiosas (FRADE, 2012).

Os portugueses, atraídos pelo ouro, trouxeram os modelos de construções religiosas europeias, além de terem mais liberdade nas soluções desvinculadas às ordens religiosas. Estas ordens religiosas deram lugar às Ordens Terceiras, Irmandades e Confrarias de leigos. Havia neste cenário a rivalidade entre as Ordens Terceiras e as Irmandades, muitas vezes motivadas por questões de classe, que levaram a uma disputa de beleza e soluções arquitetônicas, resultando no auge da arquitetura barroca mineira no século XVIII, referência do estilo no mundo inteiro (FRADE, 2012).

Durante o século XIX, a arquitetura passa por um período de grande diversidade de estilos, tanto na Europa quanto no Brasil. Segundo Pereira (2007) a historiografia tradicional trabalha com oposições de estilos como “barroco/rococó e neoclassicismo no início do século e, depois, entre neoclassicismo e ecletismo no final do século XIX e início do XX” (PEREIRA, 2007, p.1). Mas a autora indica que na verdade há uma prática muito mais complexa da arquitetura no período:

Vários elementos estão imbricados: a persistência de formas e técnicas coloniais; a necessidade de novos programas e funções; a incorporação de materiais importados; a diversificação dos agentes; os novos processos de formação profissional de arquitetos e engenheiros; além da sincronicidade de várias linguagens formais - a recorrência aos estilos do passado (barroco e rococó) e a apreensão dos estilos então contemporâneos (o neoclassicismo e outros revivalismos, além do ecletismo e do *art nouveau*). Portanto, em lugar de uma só feição dominante, coexistem técnicas, programas e estilos do passado e do presente, evidenciando a permanência da tradição colonial, entrelaçada no desejo de modernização e na necessidade de construção imaginária da nova nação. (PEREIRA, 2007, p.1)

Este é o período da formação territorial da cidade de Itueta antiga, portanto, as construções dos núcleos fundadores da cidade seguem essa diversidade do período. No século XX há, em função do Concílio Vaticano II, finalizado em 1965, uma grande mudança nas práticas religiosas da Igreja Católica, que transforma as celebrações e, com isso, a maneira de se pensar e organizar o espaço religioso católico. Nesta conjuntura da história da arquitetura, temos então as três igrejas de

Itueta. A igreja da cidade antiga, com predominância de traços neogóticos, mas com influências de outros estilos; a igreja construída pelo consórcio, com características modernistas e a igreja em construção pela comunidade, que remete à arquitetura do templo que foi demolido, mas traz mais elementos. Estes elementos serão estudados com profundidade nesta pesquisa.

## 1.2. AS IGREJAS CATÓLICAS DAS CIDADES DE ITUETA NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Os símbolos e o território são assuntos que envolvem muitas disciplinas, como a geografia cultural, a semiótica social e a arquitetura. A religião, por sua vez, é um conteúdo com aptidão natural ao diálogo entre várias áreas do conhecimento, como a antropologia e a ciência da religião. A memória social se mostra um objeto igualmente plural, envolvendo principalmente a história e a sociologia. Em síntese, símbolos, território, religião e memória são conceitos, noções ou categorias multidimensionais, acessados por várias áreas do conhecimento, tendo, portanto, a temática apresentada, uma perspectiva interdisciplinar.

Considerando a Arquitetura enquanto disciplina fronteira entre a técnica e a arte, cabe a ela em sua fase artística transpor a beleza e o sentimento à matéria. A Arquitetura é arte de formas comprometidas com a técnica. Quando se projeta um edifício, se torna necessário conhecer o máximo possível de sua função, mas primordialmente o que deve reger a concepção é a transformação do corpo inerte da matéria em alma viva da arquitetura. Se o tema é arquitetura sacra, torna-se ainda mais necessário conhecer este espírito que deve presidir à concepção e à realização arquitetônica (Menezes, 2006).

Neste aspecto, o evento mais importante do século XX para a Igreja Católica foi o Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965. O catolicismo passou por transformações efetivas e profundas no tocante à prática da religião, de maneira a aceitar as mudanças sociais ao longo da história e se adequar à vivência dos fiéis, se aproximando do cotidiano dos mesmos. A missa, antes celebrada em latim com o padre de costas para a assembleia, passa a ser na língua local e com o celebrante de frente para os fiéis. Para a arquitetura estas mudanças provocam grande impacto no modo de pensar os espaços internos. Em outras palavras, a “mensagem” que a pessoa que participa das celebrações deve receber a partir destas mudanças é de

proximidade com a divindade, com os santos, como o clero e entre os demais presentes.

Desta forma, a arquitetura, os espaços sagrados por ela produzidos dentro da religião Católica e a maneira de pensar estes espaços, conduzidos pelo fio da História. Em virtude disso, há que se considerar temporalidades que se expressam nas formas arquitetônicas sacras.

Além da história, a Geografia, em algumas das suas subáreas, se agrega a esta pesquisa de maneira substancial. A geografia cultural e a geografia humana transitam na esfera da religião.

Destacamos alguns autores da área, como os geógrafos brasileiros Zeny Rosendhal e Sylvio Fausto Gil Filho. Segundo Pereira e Gil Filho (2012) as contribuições da “nova geografia cultural” são inestimáveis para que a Geografia da Religião se consolidasse dentro das ciências. Por se mostrar interdisciplinar e ter certa autonomia a Geografia da Religião aflora da própria Geografia, criando conexões e conquistando credibilidade em outras ciências, em especial na Ciência da Religião.

Pereira (2013) explica que religião e geografia são duas formas de (re)ação no espaço, a primeira normatizando alguns procedimentos humanos com relação ao espaço, a segunda proporcionando capacidades estratégicas de atuação no espaço, e entende que os dois saberes tem espaços de ação sociais, culturais, políticos econômicos, e todas as dimensões que circundam a vida do ser humano. Para aprofundar nas compreensões do fenômeno religioso o autor aduz que o ser humano atribui significação sobre o seu espaço. Neste sentido podemos entender que:

O homem no seu processo de adaptação com o meio marca a terra a partir de seu pensamento atribuindo sentido às realidades naturais e sobrenaturais. Deste modo o homo faber sapiens torna-se o homo religiosus. Em razão deste aspecto é necessário que uma parte da Geografia Humana estude o homem sob à influência da religião, ou seja, uma Geografia das Religiões. (GIL FILHO, 2007, p.208).

Assim a Geografia da Religião nos conduz pelo estudo do território que se configurou em Ituetá, sendo que este território se apresenta plural e múltiplo ao se comunicar com os significados culturais e sociais, com os símbolos da Arquitetura Sacra reivindicados pela história da população através de sua memória coletiva.

Este estudo se mostra pertinente para o meio acadêmico principalmente ao propor elucidações a respeito da relação entre a multiterritorialidade de uma comunidade e os símbolos contidos no espaço em que habitam.

O símbolo sagrado é por si só um tema de investigação de grande complexidade e que envolve várias disciplinas de conhecimento. A forma como esses símbolos são vistos, assimilados e buscados por aquela comunidade foi um fator essencial nesse estudo, já que deles segue a identificação material que os moradores da cidade de Itueta demonstraram necessitar.

### 1.3. ASPECTOS DO TEMA E SEU ESTUDO A PARTIR DO PROGRAMA DE GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

Socialmente o tema se justifica em função dos inúmeros problemas vivenciados por moradores que sofreram deslocamentos forçados. Como se verifica na revisão bibliográfica elaborada nesta pesquisa, abordagens mais subjetivas têm sido pouco exploradas. Por isso a pertinência desta pesquisa ao tratar de um problema que emerge das dificuldades cotidianas de uma população forçosamente deslocada.

O Observatório de Migração Forçada do Instituto Igarapé<sup>8</sup>, publicou no início de março de 2018 pesquisa que conclui que:

Importante causa da migração forçada no Brasil são os projetos de desenvolvimento, que deslocaram pelo menos 1,2 milhão nos últimos 18 anos. Desde 2000, a construção de cerca de 80 barragens deslocou aproximadamente 210 mil pessoas. (FOLLY; MUGGAH, 2018)

A pesquisa ainda indica que no período entre os anos de 2000 e 2017, foi deslocada uma população de 1.291.992 pessoas, sendo que 207.295 delas, são atingidas pela construção de barragens.

Economicamente o tema aponta para uma questão que vai além dos números envolvidos: o desenvolvimento. Essa é a motivação para a instalação de

---

<sup>8</sup> O Instituto Igarapé é um *think and do tank* independente, dedicado à integração das agendas da segurança, justiça e do desenvolvimento. Seu objetivo é propor soluções inovadoras a desafios sociais complexos, por meio de pesquisas, novas tecnologias, influência em políticas públicas e articulação. Fonte: <https://igarape.org.br/sobre/sobre-o-igarape/>. Acessado em: 10 de março de 2018.

hidrelétricas no mundo todo. O aspecto econômico que circunda a Hidrelétrica de Aimorés, expõe a tamanha fragilidade de uma comunidade de atingidos pelo ônus da instalação de tal empreendimento, em contraponto à ordem e o poder de duas grandes organizações: a Companhia Energética de Minas Gerais S.A. (CEMIG), uma das principais companhias elétricas do Brasil, e a poderosa multinacional da mineração e importante operadora da logística nacional, a Companhia Vale do Rio Doce. Neste aspecto, o estudo pode indicar diversos fatores envolvidos na temática, gerando elementos para um melhor entendimento das consequências de tamanha intervenção no território, beneficiando futuras relações de mesma natureza, servindo de referência para evitar ou abrandar efeitos negativos gerados em populações deslocadas. A questão levanta debates e gera estudos em várias partes do mundo por motivos diversos, de tal forma que foi criado o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) para tratar o tema. A ONU<sup>9</sup> usa o termo “refugiado” para tratar de todo indivíduo deslocado forçosamente.

Do ponto de vista acadêmico a pesquisa traz a perspectiva interdisciplinar – expressa no item anterior – e evoca um aspecto ainda pouco desenvolvido: a subjetividade, a simbologia e a relação de uma população impactada por uma experiência de deslocamento.

Por isso, com base em tudo o que foi apresentado até aqui, este estudo se vincula à linha de pesquisa: Território, migrações e cultura, desenvolvida no Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território (GIT) da Univale, se apoiando na temática estruturante do Território das Migrações e se aprofundando nas temáticas transversais da Formação Histórica do Território e da Cultura e Memória Social. Coloca-se profundamente associado aos Estudos Territoriais e à Gestão Integrada do Território, conectando várias áreas do conhecimento, em especial a Arquitetura, a História e a Geografia Cultural.

Para alcançar tal finalidade algumas ações específicas foram necessárias, iniciando por levantar referências teóricas e os dados e materiais sobre as igrejas católicas da matriz da paróquia São João Batista de Itueta (antiga, construída pelo consórcio e igreja da comunidade) e seu processo de construção, demolição e reconstrução(ões). Com o material coletado fomos capazes então de analisar o contexto que levou à construção de duas igrejas para a mesma matriz paroquial no

---

<sup>9</sup> Organização das Nações Unidas



meio de um processo de redimensionamento territorial. Por fim, será possível compreender a relação entre os símbolos sagrados e a configuração de multiterritorialidade através do material estudado.

Tendo em vista a conjuntura exposta, para melhor entrelace ao tema e buscando uma imersão mais completa, esta pesquisa se desenvolveu adotando uma metáfora ligada à arquitetura sacra. Usamos dos nomes de elementos arquitetônicos ou espaços da igreja católica para intitular os capítulos que se apresentarão. Assim, cada termo se liga de alguma maneira ao conteúdo que o item ou subitem tratará.

Para dar início à argumentação trazemos, no capítulo 2 o levantamento bibliográfico, com título de “portada” (porta da igreja) por ser o átrio de entrada para os debates que se sucederão, buscando entender o que já foi estudado a respeito da cidade de Itueta, do deslocamento forçado e o sofrimento social. Assim como refletindo a respeito das diferenças dos termos “atingidos” por barragens e desenraizados. Além de buscar entender o que são os símbolos sagrados e como estão inseridos no nosso objeto de pesquisa.

Dando sequência à construção teórica do tema, no capítulo 3, propomos uma discussão com elucidações relativas à topofilia, memória coletiva e multiterritorialidades. A esta etapa denominamos de “sacristia”, já que este é o termo empregado para o espaço que na Igreja Católica é usado para o celebrante e onde os objetos da celebração são preparados para o rito. Apresentamos na “sacristia” o instrumento conceitual e metodológico para as reflexões subsequentes.

Com o alicerce teórico consolidado partimos então para o desenvolvimento das análises das circunstâncias encontradas em Itueta, no capítulo 4. Apresentaremos cada uma das igrejas apontando os símbolos e elementos em fotografias das fachadas das edificações. Para esta etapa o título adotado será “nave principal”, que é o local da assembleia, de onde os fiéis participam das celebrações ocorridas na igreja. Dentro deste espaço, em alguns templos, se encontram também a fonte batismal e o confessionário, normalmente em capelas laterais ligadas à nave principal. A fonte é o local onde se realiza o rito do batismo, celebração que para os católicos determina o início da caminhada do cristão. O confessionário é o espaço de reconciliação com Deus, em alguns locais recebe o nome de “capela da reconciliação”, pois ali é onde o sacerdote escuta as confissões dos fiéis que buscam a Deus de coração contrito. Por estes motivos, o subitem com título de “fonte batismal” foi o ponto de entendimento do que é a semiótica social,

dando início à caminhada de análise multimodal e a alínea chamada “confessionário”, traz a visão do morador da cidade de Itueta, dando voz aos sentimentos dos ituetenses a respeito da temática abordada na pesquisa por meio da literatura levantada. Por fim, apresentamos os resultados e conclusões diante do que foi estudado.

A metáfora usada traça um caminho conduzido simbolicamente, em um ambiente que circula entre o material e o imaterial do espaço religioso católico, além de ser um exercício de experiência da semiótica, provocando uma “leitura” arquitetônica de um trabalho acadêmico teórico. Sendo assim, estão todos convidados para transpor uma ilustríssima caminhada pelos enredos que foram preparados.

## 2. PORTADA – ABERTURA PARA OS DEBATES E O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para desenvolver esse estudo é importante apontar objetivamente num levantamento bibliográfico as pesquisas sobre: Itueta-MG, símbolos sagrados e deslocamento forçado.

### 2.1. ITUETA: O LADRÍLIO DA NOSSA BASE

A metáfora usada neste título em referência às cidades de Itueta, remete ao piso, ao chão, ponto físico de apoio e referência ao caminhar. Nesse percurso que iniciamos ao pesquisar a cidade, sua formação, cultura, população, costumes e referências, sabemos que este chão não é somente apoio aos pés que avançam, é piso ornado pelo ladrilho das territorialidades encontradas ali.

Para o desenvolvimento dessa etapa da pesquisa buscamos por estudos desenvolvidos sobre a cidade de Itueta (MG) em meio eletrônico e físico. A pesquisa eletrônica se deu através de *sites* de publicações acadêmicas, e o levantamento físico foi feito tanto no material existente nos arquivos do programa de mestrado a que este estudo pertence, quanto nas visitas realizadas na cidade, que trataremos com mais detalhes ao longo deste trabalho. Não existem muitas pesquisas sobre a cidade, os trabalhos encontrados datam do início do processo de deslocamento forçado e, a maioria deles, desenvolvida no programa de mestrado em Gestão Integrado Território da Univale. Os autores apresentam elementos referentes ao contexto histórico, assim como à nova conjuntura diante do sofrimento enfrentado pelos ituetenses com o deslocamento.

Localizada próxima à divisa com o estado do Espírito Santo, Itueta (MG) tem área aproximada de 45km<sup>2</sup>, população estimada de 6.120 habitantes (IBGE, 2017). Sua formação é datada por Santos e Biavati (2015, p. 110), nos anos 1920, associando desbravadores com origem na Zona da Mata Mineira, interessados na madeira de lei e na atividade agropecuária e os migrantes europeus (italianos e germânicos) que chegaram na época da Primeira Guerra Mundial. Segundo os autores, a chegada da ferrovia somou desenvolvimento a esse contexto para que, em 1948, a cidade de Itueta alcançasse sua emancipação. Sua posição geográfica favoreceu seu desenvolvimento territorial, sendo esse o fator principal para a

instalação da estação ferroviária. Aqui podemos observar como a mudança de local da cidade afetou os pilares de sustentação da gênese desse núcleo social, alterando não só a localização geográfica, que envolve a relação com o entorno e com a paisagem, mas, também, a estruturação econômico-social que envolvia a estação ferroviária, que não existe na nova Itueta.

Santos e Biavati entendem que a identidade cultural de Itueta se fortaleceu em função das festas comunitárias que aconteciam praticamente todo mês e apontam como fato determinante para a inversão no crescimento da cidade o esgotamento dos recursos naturais que eram a base da economia até a década de 1960. Os autores então, tomam como marco na história da cidade a construção da Hidrelétrica de Aimorés e, o que eles chamam de “realocação compulsória” e “mudança indesejada” (SANTOS, BIAVATI. 2015, p. 110) de toda a cidade.

Genovez *et al* (2012) detalha a formação histórica do município e distingue três núcleos comunitários: os primeiros moradores, formados por brasileiros vindos da Zona da Mata mineira; os migrantes e descendentes de alemães e pomeranos, concentrados na margem esquerda do rio; e os imigrantes e descendentes de italianos. Esses núcleos formavam comunidades, constituídas pela reunião de algumas famílias em função das atividades econômicas e de uma liderança, assim “configurando um traço de tipo tradicionalista nas relações sociais” (GENOVEZ *et al.*, 2012, p. 11). Depois de anos de afastamento essas comunidades iniciaram uma aproximação a partir de 1950. Os autores afirmam que as festas e a educação foram importantes para o processo de formação de redes sociais mais coesas. Elas deram sentido ao território, assim como o transformaram, chegando ao ponto em que gerou uma unidade entre as comunidades, mesmo cada uma mantendo sua cultura e religião voltadas para suas origens. Os autores abordam também a rede de poder constituído ao longo da história da cidade, “os personagens que se sobressaem: a comunidade com seus núcleos, a Igreja (o padre), a Prefeitura Municipal, a Câmara de Vereadores e, finalmente, o Consórcio” (Genovez *et al.*, 2012, p.13). Para essa pesquisa é importante destacar a visão dos autores sobre o poder religioso em Itueta:

A liderança religiosa de Itueta, o padre citado na narrativa do nosso informante, nos permite aventar uma intensificação dessa figuração comunitária já que é na Igreja que várias pessoas dedicam boa parte das atividades do dia. Neste espaço religioso, os territórios do mundo

material e espiritual se recortam e, ao mesmo tempo, as territorialidades encontram terreno propício para comungarem interesses comuns. Os grupos se reestruturam num território sagrado onde todos possuem responsabilidades e se colocam frente a uma liderança quase inquestionável, a do padre responsável pela paróquia. A postura desse líder e sua decisão isolada, de acordo com o relato, causaram estranheza a todos os fiéis que também se sentiam responsáveis pela igreja. (GENOVEZ et. al., 2012, p.13,14)

Nicoli e Siqueira (2011) também contribuem para entender a relação dos ituetenses com a religião e com os templos católicos, desde os costumes que eram pautados pela tradução católica, como orações em família aos domingos, as festividades do padroeiro, comemoradas em comunidade, destacando a demonstração de fé e devoção desta comunidade através de construções de diversas capelas homenageando santos populares. As autoras ainda apontam que “estas capelas se transformaram em grandes e bonitas igrejas nas diversas localidades da Microrregião de Aimorés” (NICOLI E SIQUEIRA, 2011, p.35).

Todos os autores abordam os estudos sobre Itueta a partir da sua formação histórica para então chegar as consequências e impactos causados pelo deslocamento forçado de toda a sede do município. Alguns estudos estão mais voltados para a história em si e outros para o sofrimento social vivido pela população, mas em todos eles, é possível apontar as multiterritorialidades vividas por essa comunidade, seja de forma clara ou de maneira implícita, mostrando assim que, este é um fator que permeará todo o desenvolvimento deste estudo.

Este levantamento bibliográfico aponta algumas lacunas que ainda não foram estudadas sobre as cidades, que se mostram como objeto de pesquisa de variadas áreas do conhecimento. Faltam estudos aprofundados em áreas importantes como a saúde, economia, biologia e quanto a arquitetura e o urbanismo. Nos estudos desenvolvidos sobre Itueta até aqui, no tangente a arquitetura ou urbanismo, foi feito um estudo – exatamente sobre as igrejas – mas não se aprofundou nas territorialidades percebidas e expressadas através da arquitetura. Santos (2017) faz análises de elementos e ornamentos externos e internos das igrejas, considera as representações de identidade da população através da arquitetura, mas o trabalho tem uma vertente disciplinar, com apontamentos voltados especificamente para uma linha de pensamento arquitetônica. Existem muitos pontos em que estes aspectos podem ser investigados dentro da análise territorial, ganhando mais profundidade nas questões humanas e subjetivas e se enriquecendo ao abrir o olhar

interdisciplinar sobre a questão. Nas subjetividades deste contexto tão complexo, como as mudanças no traçado urbano e na paisagem foram percebidas em função do deslocamento forçado, a padronização das edificações públicas e, principalmente, das moradias entregues pelo consórcio, a avaliação pós ocupação de uma cidade inteiramente reconstruída no seu aspecto físico, a referências e conflitos culturais e sociais atrelados aos cemitérios (antigo e novo) da cidade e o objeto de estudo desta pesquisa, as edificações da igreja católica e suas implicações subjetivas.

Dentre todas as lacunas elencadas optou-se em tratar especialmente aos aspectos sociais, envolvendo os impactos subjetivos do deslocamento forçado; enfoques do poder econômico que, com a justificativa de gerar desenvolvimento, impacta a população de uma cidade inteira ao intervir em seu território e nas suas territorialidades; e as interpelações da perspectiva interdisciplinar que agrega, no caso das nossas especificidades em pesquisa: simbologia e significação, arquitetura sacra, memória e sofrimento social de uma população impactada pelo deslocamento forçado. Para avançarmos nas compreensões almejadas, no próximo item vamos refletir acerca da contígua ligação entre deslocamento forçado e o sofrimento vivido pela comunidade que se vê pressionada e, sem saída, deixa involuntariamente seu território de origem e afeto.

## 2.2. DESLOCAMENTO FORÇADO E O SOFRIMENTO SOCIAL: A VIA-SACRA NA PAREDE

A sentença escolhida para o título deste item na intenção de remeter às temáticas que iremos abordar, já reflete metaforicamente, à dor ao fazer essa jornada da antiga Itueta para a nova cidade construída pelo consórcio. Este caminho com muitas etapas e dores, se associa ao sentimento encontrado na bibliografia que trata do deslocamento forçado.

Os termos usados a respeito do assunto podem variar e, inclusive, existir perspectivas distintas entre eles. Foi feita uma busca inicialmente com o termo “realocação forçada”, mas durante essa pesquisa, surgiram outras formas de se tratar o assunto, além de “realocação”, foram encontradas outras palavras como reassentamento, deslocamento e migração forçada, entre outros termos. Existem também motivos variados para tal situação, expandindo os resultados iniciais da

pesquisa. Para tornarmos mais objetivo o levantamento de dados, essa pesquisa tratou brevemente a temática de forma generalizada e então aprofundar nos estudos específicos sobre deslocamento forçado em função de instalações de hidrelétricas.

A pesquisa foi realizada em ambientes eletrônicos de acesso a publicações acadêmicas e pesquisas, buscando inicialmente pelo descritor “realocação”, restringindo aos trabalhos desenvolvidos na última década publicados em língua portuguesa. Entretanto, logo nas primeiras leituras do material encontrado se fez necessário modificar o descritor buscado para “deslocamento forçado”, entendendo que este termo se aproxima mais do que esta pesquisa aborda. Essa nova pesquisa usou os mesmos critérios da anterior.

Para entender quão ampla é a questão, o *Forced Migration Online (FMO)*<sup>10</sup> tem seis diferentes definições de migrantes forçados: Refugiados, Deslocados internamente, Refugiados internacionais, Deslocados por desastres ou meio ambiente, Deslocados do Desenvolvimento, Pessoas traficadas, Migrantes contrabandeados. Nesse caso, os moradores de Itueta se encaixariam nos “Deslocados do Desenvolvimento”, mas, diante do que é observado no local e na bibliografia consultada, esse termo não se aproxima do sentimento e percepção dos Ituetenses sobre o que vivem. Foram realizadas observações não participantes a partir das três visitas efetivadas ao local, por isso, trataremos de alguns termos especificamente: deslocamento forçado, que se aproxima do sentimento da população, atingidos por barragens e desenraizados. Estes dois últimos serão explicados e estudados no item seguinte.

O termo adotado por esta pesquisa é então deslocamento forçado, por compreender que esta expressão tem uma conotação subjetiva intangível que remete a algo fora do lugar, desencaixado, inadequado. Entendemos que os demais termos são aceitáveis ao tratar o tema, mas a abordagem desta pesquisa vai além de uma mudança de local, trataremos de aspectos imateriais vividos por uma população que não escolheu pela mudança, ou seja, deslocados forçosamente.

As vistas realizadas à cidade foram substanciais para compreender a ligação imaterial da comunidade com a igreja católica e seus símbolos, como a arquitetura

---

<sup>10</sup> *Forced Migration Online (FMO)* é uma página de acesso online de conteúdo sobre migração forçada coordenada pelo Centro de Estudos sobre Refugiados, no Departamento de Desenvolvimento Internacional da Universidade de Oxford (EUA).

sacra marca a percepção de espaço e o vínculo emocional daquelas pessoas ao lugar, como social e culturalmente o território é parte da essência humana.

Ao tratar sobre deslocamento forçado em sua tese, Magalhães (2007, p.14) usa um título que, além de expor sua linha de pensamento, deixa claro as conclusões da autora ao analisar a questão: “Lamento e Dor”. Seu trabalho tem duas perspectivas de análise: o deslocamento compulsório, que é uma forma de deslocamento forçado, como problema público e como problema teórico e, posteriormente, enfatizando a questão humana, entra no contexto do lamento e da dor. Ela entende por “deslocamento compulsório” o processo onde, determinados grupos sociais, são obrigados a deixar ou transferir-se de suas terras ou casas, sem ter poder de deliberar sobre esse fato.

A autora encontra no termo “sofrimento social” a melhor maneira para expressar tal situação:

Parto do princípio de que é o sentido subjetivo que dá a dimensão do deslocamento compulsório. Torna-se, necessário, pois, acrescentar à involuntariedade e ao constrangimento, a dimensão do sofrimento que, para os atores, o processo de deslocamento compulsório encerra. Ou, melhor, aquilo que se traduz como sofrimento social: uma construção coletiva que, por um lado, se exprime na constituição de atores, na construção de uma memória e de uma narrativa sobre um acontecimento. E que, por outro lado, produz efeitos sobre os interesses e as práticas políticas. (MAGALHÃES, 2007, p.15,16)

O diagnóstico encontrado na visão pública sobre a questão é que “este lamento é transformado em um discurso estéril e repetitivo, traduzido em perdas econômicas. [...] que subsume o sofrimento, transformando-o em lista de coisas e bens materiais perdidos, inundados.” (Magalhães, 2007, p.261). Uma das conclusões do trabalho é a desestruturação causada por tal questão social e a importância do sofrimento provocado nessa sociedade, levando a um cenário imprevisível, compulsório e irreversível, transformando o deslocamento compulsório na ação e no sentido do “sofrimento social”, não podendo ser tratado como pano de fundo na questão.

O sofrimento social não é uma peculiaridade contemporânea, porém, toma novos contornos ao longo da história em função das mudanças sociais, portanto, existem sofrimentos sociais específicos da atualidade:



A realidade social muda e, com esta, as expressões das desigualdades e contradições que ganham contornos difíceis de serem delineados, conformando espaços de exclusão e afetando a vida das pessoas em todas as suas faces. O sofrimento vai ganhando forma: a forma das estruturas sociais violentas, geradoras da precariedade em todas as suas dimensões. (WERLANG; MENDES, 2013, p.751)

As mudanças naturais da sociedade trazem incertezas que, para Castel (2003), somadas a situações de vulnerabilidade são causas do sofrimento social. O autor entende que a questão da vulnerabilidade é central ao tratar o tema do sofrimento social. Nesta mesma linha de pensamento, Werlang e Mendes (2013) afirmam que:

O sofrimento social não é apenas “um sofrimento”, mas um sofrimento que se instala/esconde nas zonas de precariedade, nas zonas sociais de fragilidade e cuja ação implica na perda ou possibilidade de perda dos objetos sociais: saúde, trabalho, desejos, sonhos, vínculos sociais, ou seja, o todo da vida composto pelo concreto e pelo subjetivo que permite viver a cada dia, a vida psíquica, a vida interior composta pela subjetividade. (WERLANG; MENDES, 2013, p.766)

Este aspecto subjetivo ligado ao sofrimento social é uma das maneiras de abordar o deslocamento forçado em consequência da construção de barragens hidrelétricas. Alguns estudos, a sua maioria desenvolvidos dentro da área da engenharia, trata o tema em uma abordagem mais pragmática e voltada para a produção de energia de baixo custo, limpa e renovável. São aspectos a serem considerados, mas não podem continuar sendo tratados de maneira isolada à subjetividade da vida humana, nem tão pouco, como prioridades. Autores como Vainer (1993, 1995, 2000, 2003, 2008) Barbosa *et al.* (2012), Giongo *et al.* (2015), Giongo *et al.* (2016), Vignatti *et al.* (2016), Giongo (2017), Marques (2018) abordam o aspecto do sofrimento causado pela migração forçada em função da instalação de barragens hidrelétricas:

Essas obras vêm contribuindo para a naturalização do sofrimento das populações atingidas, através do discurso oficial do “mal necessário” para que o país possa ter benefícios e se desenvolver economicamente. Mas, para que isso aconteça, a vida de milhares de pessoas sem condições de defesa acaba sendo sacrificada, e elas experimentam as consequências negativas do crescimento econômico do país em suas próprias vidas. (Marques, 2018, p.30)

Em Itueta, foram encontrados bibliografias e relatos ligando o deslocamento da cidade ao sofrimento social indicado por Magalhães (2007). Analisando o cenário social da cidade, podemos entender que o deslocamento forçado da população instaurou na comunidade a sensação de vulnerabilidade tratada por Castel (2013) e trouxe a fragilidade para o cotidiano de uma comunidade que, ao sair do seu território original, perdeu alguns objetos sociais abordados por Werlang e Mendes (2013). Em muitos trabalhos reunidos na pesquisa bibliográfica sobre a cidade, essa visão do sofrimento foi apontada. Santos e Siqueira (2015, p.466) destacam ainda a influência da memória e do espaço nessa conjuntura, relatando que o desaparecimento de um território em planta baixa, não o elimina da memória das pessoas que construíram e foram marcadas e remarcadas por estes espaços vividos.

### 2.3. “ATINGIDOS” POR BARRAGENS X DESENRAIZADOS: ÓCULO PARA ILUMINAR O INTERIOR

Ao intitular este item com essa analogia nossa intenção é abordar as subjetividades sentimentais e emocionais vividas internamente pelas pessoas que passam por este tipo de processo. A pretensão é jogar luz sobre as diferenças dos termos usados e diante disto apontar a nossa escolha para esta pesquisa.

Foram encontrados muitos estudos desenvolvidos sobre as consequências da construção de hidrelétricas. Alguns se destacam como os trabalhos de Carlos Vainer, do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ), incluindo “Vidas Alagadas” (2008), citado em muitas obras que tratam sobre assunto. O autor destaca que, por si só, o termo “atingido” já significa reconhecer que determinado grupo social, família ou indivíduo, tem direito a algum tipo de ressarcimento ou indenização, reabilitação ou reparação, não pecuniária do empreendimento que o atingiu (VAINER, 2008).

O autor, anteriormente referido, aponta que empreendimentos dessa natureza “mobilizam em grande intensidade elementos como capital, força de trabalho, recursos naturais, energia e território” (Vainer e Araújo, 1992, p.29). Eles são implantados da mesma maneira no mundo todo, servindo ao mesmo modelo de desenvolvimento, reunindo interesses políticos e econômicos para impor o mesmo

padrão de apropriação e uso dos recursos naturais para promovê-los (VAINER, 1993, 1995).

Segundo Vainer (2000), os atingidos por barragens não são sujeitos da ação de migrar, visto que seus deslocamentos não são uma decisão pessoal, diferenciando das pessoas que escolhem migrar com pretensões de ter uma vida melhor, por exemplo.

Outros autores contribuem para o entendimento e as consequências sociais de deslocamentos forçados em função de barragens hidrelétricas. Scott (1996) discorre que podem haver diferentes razões para o que ele intitula como “remoção involuntária”, entendendo que esse é um desafio para planejadores e estudiosos de migração e que historicamente o que se contabiliza são mais prejuízos que ganhos prometidos, seja qual for a causa da remoção. O autor ainda destaca que os projetos de instalações de hidrelétricas, tem dado visibilidade ao tema já que afetam significativos contingentes, principalmente, da população rural.

Dessa forma, assim como no termo “deslocados pelo desenvolvimento”, a expressão “atingidos por barragens” não expressa a conjuntura imaterial envolvida nesse contexto. Vainer (2008 p.32) define que “atingido por certo empreendimento significa reconhecer como legítimo – e, em alguns casos, como legal – seu direito a algum tipo de ressarcimento ou indenização, reabilitação ou reparação não pecuniária”. Essa definição está atrelada a um ponto de vista “territorial-patrimonialista” e acaba por perpetuar a ideia de que esse tipo de deslocamento não tangencia aspectos sociais, emocionais, psicológicos e culturais de cada um dos sujeitos que, sem escolha, tiveram que deixar “seu lugar” para ir para um novo espaço ainda desconhecido e desprovido de identificação. Fernandes (2016) ao desenvolver estudo sobre “atingidos por mineração”, passa a empregar a expressão usada por Heidrich (2004, p. 23): desenraizados.

A expressão “comunidade desenraizada” consegue se aproximar mais do sentimento de pertencimento do grupo social ao território, indo além da perspectiva material, se associando com mais fidelidade aos aspectos imateriais envolvidos neste estudo sobre Itueta, os seus templos católicos e os símbolos sagrados que os ituetenses desenraizados demonstraram necessitar. Portanto, esse foi o termo usado nesta pesquisa durante a fase de exploração, levantamento de dados e pesquisa de campo. O desenraizamento trouxe consequências negativas para a identidade cultural de cada morador.

Para o arquiteto Juhani Pallasmaa (2017) ter identidade cultural é um terreno insubstituível da nossa humanidade, é como uma sensação de possuir raízes e pertencer. Segundo o autor as edificações antigas materializam as instituições sociais e históricas, nos fazendo compreender a evolução cultural, assim nos enraizamos de forma confortável no contínuo fluxo da cultura e do tempo.

Pinheiro (2006) ao contextualizar a implantação de hidrelétricas no Brasil e no mundo, identifica que ocorre um conjunto de mudanças nas tradicionais formas de organização e dinâmica de sua área de implantação, o que traz repercussões negativas sobre a modalidade de sobrevivência e as condições de vida da população. Tais mudanças negativas contribuíram para a disseminação e aprofundamento da pobreza e desestruturação social. O autor entende que a instalação deste tipo de empreendimento, provoca, na verdade, o oposto ao que se propõe em tese, não há desenvolvimento, mais sim a disseminação da pobreza e o ônus social continua sendo pago pela população. (Pinheiro, 2006)

Essa discussão sobre as consequências da realocação compulsória em função da instalação de hidrelétricas no contexto das pesquisas sobre a cidade de Ituaçu, é tratado por Santos e Siqueira (2015) como um fato constante no Brasil, tendo em vista a demanda por energia elétrica. O estudo destaca que esta intervenção ocorre além do espaço físico, afetando aspectos sociais, culturais e psicológicos dos sujeitos envolvidos.

No desenvolvimento deste trabalho bibliográfico percebemos que existem diferentes condutas de deslocamento forçado, algumas vezes em função da postura da comunidade deslocada, outras por intenção dos beneficiados. Foi constatada a escassez estudos que comparem os resultados de diferentes condutas de deslocamento forçado e até algum estudo apontando essas “formas diferentes” de tratar o deslocamento forçado em prol da instalação de hidrelétricas. Além disso, há uma lacuna em trabalhar os estudos territoriais nestes deslocamentos. É de grande importância estudar as implicações territoriais envolvidas neste contexto de tamanha complexidade. Estes estudos podem contribuir para que, no futuro, este tipo de deslocamento seja questionado de maneira mais coerente e fundamentada e, caso seja implantado, ter condições de gerar um impacto menos doloroso à comunidade que será deslocada e reduzir a possibilidade de implantar condutas inapropriadas ao aspecto humano envolvido, especialmente aqueles que se relacionavam aos símbolos sagrados.

## 2.4. SÍMBOLOS SAGRADOS

Foi feita pesquisa bibliográfica através de meio eletrônico usando os descritores: “símbolos sagrados”, “símbolos sagrados católicos” e “símbolos católicos”. Os resultados nos forneceram material em variados temas, incluindo outras religiões, mas mostrou a necessidade de se pesquisar a respeito do assunto dentro da área da arquitetura. As pesquisas, a princípio foram voltadas para o material desenvolvido na última década. Porém, o tema vem sendo discutido a alguns anos dentro de aspectos que permanecem permeando a realidade contemporânea, tendo publicações de grande relevância com datas anteriores à estabelecida inicialmente. Assim, além das publicações recentes a busca se deu também entres os autores mais citados nestes estudos inicialmente encontrados. Os artigos selecionados foram analisados inicialmente pelos resumos e, posteriormente, pela leitura completa do estudo. Essas leituras levaram às fontes não publicadas em meio eletrônico, como alguns livros e documentos da Igreja Católica com estudo acerca dos seus símbolos e indicações para sua aplicação.

Com a leitura do material selecionado na pesquisa bibliográfica, os autores adotados foram Zilles (2006), Tillich (1996, 2005,2009) e Gil Filho (2007, 2009, 2010a, 2012) por conferir base teórica sólida para as análises do objeto de estudo desta pesquisa. Já que estes autores trabalham a questão imaterial dos símbolos, os aspectos além do que é visível, todos eles partindo da base material para iniciar sua linha de pensamento.

Os estudos encontrados sobre símbolos sagrados abordam a problemática ao tratar do símbolo, tanto fora do contexto religioso, quanto aplicados à esfera da crença, ou seja, há estudos ligando os símbolos à sua importância sob a perspectiva da fé e sob a ótica de quem não tem aquela crença ou outra qualquer. Para desenvolver esta pesquisa, faremos esse mesmo caminho enfatizando os aspectos sagrados/religiosos, com o pressuposto que “o símbolo é um fenômeno originário do ser humano que corresponde a sua estrutura corpóreo-espiritual e social fundamental”, como afirma Zilles (2006, p. 16), apontando a condição espiritual e social do símbolo, e ainda completa: “O perceptível pelos sentidos é capaz de expressar algo para além do sensível. O sinal instituído, entretanto, pressupõe a pré-compreensão de uma comunidade”. Dentro dessa linha de pensamento o autor esclarece que toda cultura produz símbolos para a expressão, comunicação e troca

de valores humanos e analisa que, se para o homem conhecer o outro e se mostrar à sociedade, necessita de gestos e palavras, para conhecer e se aproximar de Deus os símbolos se tornam ainda mais fundamentais, inclusive para a revelação de Deus aos homens que creem.

Zilles (2006) frisa a necessidade do discernimento entre símbolos e sinais. Os sinais se tornam símbolos quando conformam uma unidade com aquilo que significam, como se o símbolo fosse dois objetos que só é reconhecido com as duas partes reunidas, uma bipolaridade entre o visível e o invisível, o presente e o distante, o idêntico e o distinto. O símbolo é o que significa, mas precisa se expressar através de um objeto, um gesto, um elemento, um movimento ou uma ação.

Ao estudar símbolos e sinais Zilles (2006) se baseia nas ideias de Tillich (2009) que afirma que “os símbolos são semelhantes aos sinais de modo decisivo: ambos indicam alguma coisa fora deles” (Tillich, 2009, p. 98). Ele trata essa semelhança em outras pesquisas, mas esclarece que “cada símbolo possui uma função especial própria, incapaz de ser substituída por outros símbolos mais ou menos adequados. Os sinais, diferentemente, podem ser substituídos por outros” (Tillich, 2009, p. 102). O autor trata do caráter social do tema, afirmando que o símbolo está condicionado ao entendimento e aceitação coletiva para se tornar símbolo.

Para Tillich (2005) um símbolo faz parte da realidade que ele simboliza; já o sinal, não se vincula ao poder da essência do que indica, somente representando o conteúdo, mas não fazendo parte dele, ou seja, diferenciando do símbolo, que não separa a representação e o que é indicado. O autor ainda reitera essa análise com outras palavras, em “Teologia da Cultura” (2009). Além da distinção com relação ao sinal, dentro da esfera religiosa, para Tillich (2009), o símbolo tem em si, de forma intrínseca, dois aspectos: o infinito e o finito; e os aproximam: “Deus é simbolizado como ‘Pai’, ele é trazido até o nível da relação humana de pai e filho. Mas, ao mesmo tempo, essa relação humana é consagrada como modelo da relação divino-humana. (TILLICH, 2005, p. 247)

Tillich ainda aponta a relação do símbolo com a sua sacralidade dizendo que “os símbolos religiosos são símbolos do sagrado. Participam da santidade do sagrado, segundo nossa definição básica. Participação, no entanto, não é identificação; eles não são o sagrado. O transcendente absoluto está além de todos

os símbolos que o representam” (TILLICH, 2009, p. 103). Ou seja, nesse caso, o símbolo faz parte da sacralidade, mas não é o sagrado.

Relacionando a fé aos símbolos, Zilles (2004, 2006) esclarece que dentro do contexto religioso os símbolos representam a face do homem e das coisas deste mundo. Eles se tornam o caminho que leva ao divino, permitindo “ver” uma parte que está escondida. O símbolo é um dos meios através do qual o homem é capaz de se ligar a Deus.

O autor trata ainda da importância dos símbolos no contexto histórico, afirmando que “quando símbolos se ligam à história de uma pessoa, de uma instituição ou de um povo, surge a necessidade de se conhecer também essa história” (ZILLES, 2006, p.15). (Contextualizando as teorias de Zilles (2004, 2006) ao cenário encontrado em Ituetá, podemos entender como se torna importante dentro dessa pesquisa a necessidade de se aprofundar na história dos ituetenses e na relação histórica desta sociedade com os símbolos que eles reconhecem.)

Gil Filho (2007) e Silva e Gil Filho (2009), se baseiam nas ideias filosóficas de Ernst Cassirer<sup>11</sup> para abordar o espaço sagrado e seus símbolos ligando-os à análise geográfica do tema. Cassirer, tem apontamentos que não são especificamente voltados para a religião, como Zilles e Tillich, apesar de tratar o tema, o autor aborda-o de forma mais ampla e voltada para o entendimento dos signos e seus significados. Dessa forma, ele aborda a relação humana com o símbolo sagrado a partir do entendimento que o homem é um ser simbólico e, sendo assim, supera a condição exclusiva de vida biológica. Nessa perspectiva o homem é visto como *homo symbolicum*, que busca dar sentido à sua realidade imediata partindo das formas simbólicas, uma destas formas é a religião (CASSIRER, 2001). Gil Filho (2007) entende que o homem, não somente vive no universo de fatos, mas, sobretudo em um universo de símbolos, sendo a religião parte desse universo pleno de significados, característica indissociável da experiência humana. O homem é então, o protagonista do conhecimento simbólico e da prática social da religião.

Para Gil Filho (2009) as formas simbólicas são responsáveis por articular os sentidos instaurados pelo ser humano, imergindo-o constantemente no que o autor chama de “universo simbólico” e o aproximando do universo dos fatos. Dessa forma, o universo constituído simbolicamente passa a ser vivenciado como a própria

---

<sup>11</sup> Ernst Cassirer foi um filósofo neokantista, com pesquisas concentradas na área da crítica do conhecimento.

realidade. Os símbolos são então, condições pelas quais o ser humano edifica sua visão de mundo, ou seja, Gil Filho (2009) entende que existe uma distinção entre um meio onde tudo são fatos e outro que é composto de simbolismos, e o homem tem sua visão de mundo estabelecida pela junção desses dois universos.

Contribuindo para aprofundar a questão Gil Filho esclarece que, no seu ponto de vista, “o espaço sagrado também pode ser situado entre o espaço sensível de expressões e o espaço das representações”, partir desse entendimento “o âmbito religioso se faz como materialidade imediata das coisas e práticas religiosas e as suas representações” (GIL FILHO, 2007, p.215). O espaço então, deve ser entendido como matéria religiosa e conjunto de representações simbólicas, dando à arquitetura sacra fundamental papel constituidor do universo simbólico vivido e parte elementar para constituição da geografia da religião de quem o vivencia. Desta forma, as contribuições de Gil Filho (2007) se somam ao espaço sagrado, dando significado simbólico e subjetivo à arquitetura sacra.

Essa relação entre o espaço e o sagrado tem sido tratada pela Geografia da Religião. Nessa temática Zeny Rosendahl contribui significativamente, ao tratar de símbolos sagrados, sendo um referencial importante encontrado em Itueta. Rosendahl (2009) compreende que o fato religioso imprime marcas no espaço e se manifesta num momento histórico. As marcas espaciais são formas simbólicas portadoras de significado religioso, e cada vez mais, tem se exigido a decodificação desses símbolos materializados no espaço. O que vemos em Itueta é a necessidade desse espaço simbólico, com os símbolos que eram vivenciados na antiga cidade e que se faz presente na memória daquela comunidade (COSTA, 2011; SILVA E SILVA, 2012; GENOVEZ, 2013; SANTOS E SIQUEIRA, 2015; SANTOS, 2017).

Tendo como alicerce a geografia cultural, a religião se firma na polaridade dos conceitos de sagrado e profano dentro dos estudos de alguns autores como Eliade (1962), Tuan (1980) e Rosendahl (1996, 1998, 1999 e 2001), (estes dois últimos de forma mais profunda nas questões da geografia e Rosendahl, ainda, explorando especificamente o território e as territorialidades envolvidas nos estudos da religião.) A primeira autora defende a instituição religiosa como sendo um “agente modelar do espaço”, que torna necessário considerar a forma e a intensidade do poder desse agente.

Rosendahl (2009), esclarece que a territorialidade engloba, ao mesmo tempo, as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado (fixo) e os itinerários que



constituem seu território. O território religioso dá segurança aos seus adeptos, representa o símbolo de identidade da fé, e, afirma-se como o espaço de liberdade, de união com o seu Deus. Por esse ponto de vista, o que percebemos em Itueta é a quebra desta segurança e da liberdade tratada por Rosendahl, como o referencial simbólico daquela comunidade e mostrando como as territorialidades, que são vivenciadas no espaço sagrado e em seus símbolos, os influenciam, e se fazem necessário para aquela comunidade (COSTA, 2011; SANTOS E SIQUEIRA, 2015; SANTOS, 2017).

Rosendahl (2010) afirma que o significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários, sendo que as experiências emocionais dos fenômenos sagrados são as que se destacam da rotina e do lugar. A geógrafa não nega a importância da arquitetura e aponta seu dever de tratar as imaterialidades envolvidas no sagrado, assim como pensa Eliade (1992), entendendo que o sagrado deve ter um *locus* diferenciado, visto não estar inserido no cotidiano de nossa sociedade laica ocidental; por isso, ele tem sua esfera à parte.

Assim, a arquitetura sacra se articula com a temática da geografia humanística trazendo consigo os símbolos das edificações que ajudam a expressar o pensamento da comunidade, suas identidades e cultura, mas o faz ligando-as ao aspecto sagrado e direcionando estas particularidades de forma organizada. Segundo Pasto (1993) o espaço sagrado como espaço organizado, torna-se referencial para o mundo caótico se reequilibrar.

Podemos entender, então, a grande responsabilidade da arquitetura sacra e do arquiteto que se lança ao desafio de atender plenamente questões materiais e imateriais que envolvem uma edificação religiosa:

Cabe, sem dúvida, ao arquiteto projetar o edifício com o máximo cuidado, considerando sua dupla função de acolher o povo de Deus que ali vai se reunir para louvar, senão também buscar um lugar de paz e tranquilidade, onde possa conversar com seu Deus. [...] Eis pois que caberá a nós, arquitetos, saber projetá-lo atendendo a seus vários aspectos, traduzindo na arquitetura aquilo que a comunidade deseja, mas segundo os melhores princípios da arquitetura (Menezes, 2006, p.60)

Com estes entendimentos a respeito de Itueta, do deslocamento forçado, do desenraizamento e dos símbolos sagrados, passamos pela portada em direção à sacristia com bagagem teórica a respeito destes aspectos, e conhecimento do

contexto social que se formou na cidade a partir do deslocamento. É necessário agora nos aprofundar nas temáticas que se aproximam das igrejas católicas e das configurações de multiterritorialidades de seus símbolos. Examinar particularidades teóricas do nosso objeto e do território intrínseco a ele, nos munindo de argumentos e conceitos teórico metodológicos que favoreçam uma compreensão mais coesa do complexo contexto pesquisado. A sacristia, local onde o presidente e os ministros se preparam para a celebração (PINHEIRO, 2019), é o espaço elaborado com intenção de nos pararmos para as análises mais profundas deste estudo.

### 3. SACRISTIA: A DISCUSSÃO TEÓRICA E OS ASPECTOS METODOLÓGICOS PERTENCENTES ÀS IGREJAS DE ITUETA

Inicia-se a discussão teórico e metodológica da pesquisa, ao entender a associação dos símbolos sagrados da igreja católica de Itueta (MG) com a Topofilia, a memória coletiva e as multiterritorialidades.

Para promover as análises dentro dessa pesquisa um ponto que se destaca ao iniciar o trabalho sobre esse assunto, é que o templo entregue à comunidade, não foi bem recebido, e gerou incômodo tão grande que levou a comunidade a construir ao lado dele um novo templo com características arquitetônicas completamente diferentes. Conforme já visualizado no capítulo introdutório a partir das figuras 03 e 04. Estas características estão vinculadas aos estilos arquitetônicos das edificações e suas peculiaridades.

Os estilos arquitetônicos revelam a época – ou a forma de pensar o espaço alinhado com os ideais de uma determinada época – e, muitas vezes, nos ajudam a identificar sua função. Graoge (2014), ao se aprofundar nos estudos sobre estilos arquitetônicos, esclarece que os principais componentes estilísticos na arquitetura, são os detalhes decorativos e a organização espacial das diversas partes da edificação. Estes dois aspectos se somam e nos permitem associar determinada edificação a um estilo:

A função de um edifício afeta a sua aparência e muitos tipos de edificações possuem elementos que as tornam facilmente identificáveis, tais como a torre de uma igreja ou a vitrine de uma loja. Com frequência, estes elementos tem o objetivo tanto funcional quanto decorativo: a torre de uma igreja, por exemplo, contém os sinos que convocam os fiéis ao culto (GRAOGE, 2014, p.10)

As peculiaridades de uma edificação, se ligam intimamente ao estilo arquitetônico adotado pelo autor do projeto. Este estilo se relaciona com a maneira de representação de uma dada cultura em uma determinada época. Ao longo da história, os estilos mudam em função das mudanças tecnológicas e da evolução da mentalidade humana, assim como a arquitetura já que ela é um modo de expressão e uma forma de marcar o tempo em que vive. O que não impede de um estilo ser adotado em uma época a qual não pertence, ou de uma obra fazer uso de

elementos típicos de algum estilo que a precede. Estes são o caso das edificações das igrejas católicas da nova Itueta.

Na igreja do consórcio são usadas formas e ideais da arquitetura modernista, estilo adotado principalmente entre os anos de 1920 e 1960, que prioriza a funcionalidade, a economia e o racionalismo dos ambientes e edificações. O modernismo tem como características, entre outras coisas, a geometria definida, o uso de materiais aparentes, planos de vidro contínuos e faz uso de poucos ou nenhum ornamento, dando preferência para painéis decorativos. Além disso, o arquiteto Le Corbusier (1994), referência na arquitetura modernista, apontou cinco princípios a serem adotados nas construções deste estilo, são eles: fachada livre, janelas em fita, pilotis, terraço jardim, planta livre. Estes pontos tiveram grande influência na arquitetura modernista brasileira.

A arquitetura moderna se caracteriza pela ausência de ornamentação e tinha a inovação como ideal de projeto:

No século XX, arquitetos e artistas procuravam criar um novo estilo de arte e arquitetura que fosse específico para o seu tempo, em lugar de ficarem apegados estilos do passado. Depois da primeira guerra mundial surgiu o estilo *art déco*, inspirado nos processos típicos das máquinas. Usava ornamentação de caráter geométrico e materiais contemporâneos inclusive plásticos e materiais com vocação decorativa, como os elementos cromados. No final dos anos 1920 o movimento, conhecido como estilo internacional, simples e despojado, começou a brotar do trabalho de arquitetos como Le Corbusier e da escola alemã Bauhaus. Depois da Segunda Guerra, o moderno foi amplamente utilizado para projetos de edificações de grande escala, incluindo edificações para escritórios e habitações populares. (GRAOGE, 2014, p.46)

A falta de ornamentos na arquitetura modernista e suas convicções extremamente voltadas para a função, resultou em uma certa dificuldade de inserção do estilo no contexto da arquitetura sacra. É importante destacar que o modernismo produziu alguns templos católicos de relevância, principalmente no Brasil com algumas obras de Oscar Niemeyer, tendo como exemplos a catedral de Brasília e a Igreja de São Francisco de Assis em Belo Horizonte, mas só o fez quando buscou simbolismo e identidade.

Por sua vez, a igreja da comunidade na nova Itueta traz, principalmente, referências do estilo neogótico e, conseqüentemente, do gótico. Esse foi um movimento muito significativo na arquitetura por demonstrar o avanço técnico em

edificação altas, com muitas janelas, portas grandes, poucas e finas vedações. O teocentrismo vivido na sociedade da Idade Média, tornou a aplicação do estilo gótico mais ligada aos templos católicos, que eram vistos de longe e por toda a cidade. O neogótico é uma das variações do ecletismo do final do século XIX e início do século XX. Pugin (1841), arquiteto de referência para o estilo, classificou como orientação do movimento os seguintes pontos: a decoração simplesmente como enriquecimento da estrutura essencial; a adequação das construções às características dos materiais usados; a conformidade entre interior e exterior; a supressão de qualquer elemento que não seja necessário à comodidade, à estrutura e à conveniência; a capacidade de exprimir claramente a finalidade de cada edifício.

O estilo neogótico traz as características decorativas do gótico e busca referências nos ideais religiosos da época de seu desenvolvimento, a Idade Média:

No século XIX muitas igrejas foram construídas no estilo neogótico, com a intenção de reviver o fervor religioso da Idade Média. Essas igrejas, [...] frequentemente copiavam as formas medievais, mas a sua escala e alguns detalhes indicam uma construção bem mais recente. (GRAOGE, 2014, p.43)

A aplicação do neogótico em Itueta pode estar ligada à memória do povo colonizador, principalmente à comunidade italiana, que se instalou na região vinda de um país que já revivia o gótico nas edificações. Mas, nesta pesquisa, não estudaremos esta hipótese por ser um contexto que não se liga intimamente ao enquadramento do deslocamento forçado da população ituetense.

Em Itueta ao observar o contraste das duas tipologias arquitetônicas, uma modernista (consórcio) e outra neogótica (comunidade), fica claro que não houve identificação visual da comunidade e, conseqüentemente, faltou empatia com o templo que foi entregue; nossa conclusão é que essa foi a principal motivação para a construção do novo templo. Esta nova igreja trouxe a intenção de ser arquitetonicamente semelhante àquela que foi derrubada, independentemente de ter visualmente características mais contemporâneas. Podemos entender que o que aquelas pessoas consideram belo e sagrado, na arquitetura sacra, não tem ligação com o quão atualizada é a sua forma.

Segundo Pallasmaa (2018), a arquitetura vai além de uma domesticação do espaço. Ela é uma profunda defesa contra o tempo e seus terrores, dando estrutura ao entendimento de tempo para a humanidade. O arquiteto entende que existem

dois tipos de arquitetura em relação à memória, um tipo que não resgata o passado e outro, que por tocar as memórias, evoca um senso de profundidade e continuidade.

Em Itueta, num cenário arquitetonicamente paradoxal envolvendo lado a lado o neogótico e o modernismo, podemos identificar a intenção de se manter o que podemos chamar de “forma tradicional” da igreja. Sabendo que a Igreja Católica tem vários formatos, em estilos diferentes, usados por diversas culturas ao redor do mundo podemos então deduzir, nesse ponto, que se trata da tradição e da percepção daquele povo especificamente, principalmente, dos que vivenciavam com intensidade a relação com o espaço que exista na “Itueta antiga”. Ou seja, a arquitetura que tem valor para aquela comunidade é a que aponta o que neles é memória emocional e referência espiritual.

Podemos inferir como conceito teórico de referência: a Topofilia, tratada primeiramente pelo filósofo Gaston Bachelard, que elabora a ideia de um “valor humano dos espaços de posse, espaços proibidos a forças adversas, espaços amados. Por razões muitas vezes bem diversas e com as diferenças que comportam os vários matizes poéticos, são espaços louvados”. (BACHELARD, 1978, p.196).

O autor trabalha a Topofilia de maneira poética, evidenciando o envolvimento sentimental do conceito, priorizando a relação com a casa de referência para cada pessoa, a moradia física que representa emocionalmente o “espaço feliz” (BACHELARD, 1978, p.196). Ele também trata a importância de estudar e compreender o espaço imaginário, trabalha a característica protetora que a imaginação remete aos ambientes e sua memória.

O conceito de Topofilia, posteriormente, foi desenvolvido por Yi-Fu Tuan, geógrafo que escreveu um livro homônimo ao conceito: “Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida”. (TUAN, 1980, p. 114). Neste livro Tuan (1980) trabalha o modo de cada um perceber o lugar a partir das experiências vividas e da forma como vê o mundo, estabelecendo afetividade com o espaço, esclarecendo que a topofilia não é o sentimento mais forte que o homem pode ter, mas é um veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou pode ser percebido como um símbolo.

Tuan (1980) ainda trabalha a ideia de “familiaridade”, acrescentando a dimensão do tempo no desenvolvimento de vínculo com o espaço, argumentando

que a pessoa investe parte de sua vida emocional no seu lar, em seu espaço. Ao tratar o conceito de familiaridade, o autor afirma que “algumas pessoas - especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas.” (TUAN, 1980, p. 114). Dessa maneira, fica claro a ponte que se cria com a narrativa dos ituetenses na bibliografia pesquisada. As pessoas que mais relutaram contra o templo entregue pelo consórcio eram as mais velhas ou as que mais conviviam com espaço (Costa, 2011).

O arquiteto Juhani Pallasmaa (2018), neste sentido, ressalta que nós somos levados a imaginar que a memória é uma capacidade cerebral, mas ele entende que o ato de memorizar envolve nosso corpo inteiro, sendo também esse o lugar e o meio de toda obra criativa, inclusive a arquitetura. O autor afirma que as paisagens e edificações são amplificadoras de emoções e são capazes de reforçar pertencimento ou alienação, convite ou rejeição, tranquilidade ou desespero.

Dentro da nossa análise sobre Itueta vemos então a aplicação das ideias de Bachelard e Pallasmaa quando entendemos que o templo religioso é o local de morada do ser divino, a “casa de Deus”. O “espaço feliz” evocado pelas memórias e vivenciado pelos católicos da antiga Itueta lhes fora retirado. No lugar dele, foi entregue um ambiente completamente diferente levando, concomitantemente, a proteção remetida àquele ambiente. Pallasmaa (2017) contribui ainda dizendo que “além dos aspectos práticos do residir, o ato de habitar é também um ato simbólico que, imperceptivelmente, organiza todo o mundo do habitante. [...] Habitar é parte do nosso próprio ser, de nossa identidade.”

Para Pallasmaa (2017) o tempo é o ingrediente central para a arte, não como narrativa ou com interesse futurista, mas como uma arqueologia da memória coletiva e biológica. Segundo o arquiteto a partir da modernidade, a arquitetura parece ter se tornado mais rápida, apressada e impaciente, e antes, as edificações e lugares eram documentos de um tempo benevolentemente lento.

O conceito de “familiaridade”, proposto por Tuan, “engendra afeição ou desprezo” (TUAN, 1980, p. 114). O autor trata de um vínculo desenvolvido através do tempo de convivência com o lugar, trazendo para a questão a memória, ponto onde essa pesquisa e o conceito se encontram para chegar à contribuição principal da familiaridade a questão de Itueta: “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN , 1980, p. 114).

Como já foi dito nesse trabalho, estudar a Topofilia, nesse caso, envolve a busca do entendimento da relação da população de Itueta com o espaço, considerando que o envolvimento sentimental e a maneira de perceber o lugar tem grande significado nessa interação.

Partindo então das ideias de Tuan, é possível entendermos que a falta de familiaridade da comunidade de Itueta com o templo entregue pelo consórcio, e a ausência dos símbolos que a comunidade se identifica, causou tamanho estranhamento quando um novo templo é proposto. Não foi desenvolvido sentimento de Topofilia para com o edifício entregue pelo consórcio. A população não identificou o novo espaço como lugar que remetesse a um sentimento de afeição. A memória coletiva de familiaridade estava ligada a um determinado tipo espacial considerado sagrado e marcas que foi demolido. Ele possuía símbolos que não estavam presentes no novo templo.

Associando o tempo de vivência no espaço à familiaridade desenvolvida com ele, podemos então, conciliar os dois conceitos e entender que, com o tempo, vamos memorizando afetivamente o espaço e os símbolos contidos nele. Nessa linha de pensamento, é possível relacionar a memória ao sentimento desenvolvido pelo lugar, permitindo aprofundar nos estudos sobre o lugar de memória.

Pallasmaa (2017) afirma que é possível distinguir entre uma arquitetura que acomoda e uma arquitetura que rejeita, sendo que a primeira favorece a reconciliação a segunda tenta impor uma ordem arrogante, divisível e intocável:

A primeira se baseia em imagens que estão profundamente arraigadas em nossa memória coletiva, ou seja, na base autêntica fenomenológica da arquitetura. a segunda manipula imagens que podem até chamar atenção e estar na moda, mas que não incorporam a identidade, as memórias e os sonhos pessoais do habitante. (PALLASMAA, 2017, p.36)

Assentadas as considerações acima, necessário também se faz registrar o conceito “memória coletiva” foi criado o pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs. Que parte da ideia da memória individual e a insere em um determinado grupo de referência. Halbwachs (1968), fala da relação estabelecida do grupo com o espaço, partindo da noção material do lugar, que sofre influência do grupo que o transforma à sua imagem, assim como, esta comunidade se adapta e está sujeita às características do espaço.



Pallasmaa (2017) defende que a arquitetura tem o papel de fortalecer nossa sensação de tempo e enriquecer nossa participação sensorial e nossa imaginação e completa:

“A tarefa da arquitetura consiste não somente em disponibilizar abrigo físico ou a colher nossos corpos frágeis, mas também em alojar nossas memórias, fantasias, sonhos e desejos. Edifícios e estruturas de épocas distintas enriquecem a experiência dos lugares, mas também reforçam nosso sentido, de pertencimento de raízes e de cidadania.” (PALLASMAA, 2017, p.119)

Da constatação de reciprocidade Halbwachs (1968), assim como Pallasmaa (2017), passam então para a construção da imaterialidade da questão. Halbwachs (1968) defende que há um envolvimento sentimental com o espaço e estes sentimentos nutridos pelo grupo com o espaço, muitas vezes, só são entendidos por quem vivencia esse vínculo e percebe o lugar, partindo destas experiências.

Ainda nessa linha de pensamento, Halbwachs, faz uma observação que contribui fundamentalmente para essa pesquisa: “um acontecimento realmente grave sempre causa uma mudança nas relações do grupo com o lugar, seja porque modifique o grupo em sua extensão [...], seja por que modifique o lugar.” (HALBWACHS, 1968, p.133 e 134). No caso de Itueta, o deslocamento forçado da cidade deve ser considerado um fato de extrema significação para a relação do grupo com o lugar. É possível concluir que, a partir desta experiência, surge na população a necessidade de marcar o novo espaço com as significações do grupo, suas memórias, seus símbolos. Podemos aqui fazer um paralelo com o cenário francês do final do século passado, retratado por Pierre Nora (1993, p.7) como uma nação que perdia os meios de memória, portanto necessitava de lugares de memória.

Nora (1993) fala da característica dinâmica da memória e sua ligação com a coletividade e com os meios, material e imaterial. Ele estabelece a diferença entre “memória” e “história”, nomeado a primeira de vida e, como ser vivo, está em permanente evolução e atualizada, justamente para ressaltar sua importância. Já a história, para Nora, é uma representação do passado. A memória não só emergiria de um grupo que ela une, indo muito mais além, “ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individual”. (HALBWACHS, 1968, p.)

Dentro desta perspectiva, Nora ainda faz uma ligação muito interessante para nosso estudo, quando afirma que “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. (NORA, 1993, p.9). Quando remetemos esse pensamento à Itueta, podemos perceber quão forte é o apego da memória daquela população, com a arquitetura e com os símbolos da igreja demolida.

Pallasmaa (2017) afirma que os lugares antigos e a arquitetura significativa produzem um cenário sofisticado com profundidade e autoridade histórica, nos levando a compreender qualidades tanto na cultura quanto no caráter humano, nos fazendo sentir corporal e espiritualmente completos. Entendemos e lembramos quem somos através de nossas construções físicas e mentais. Assim, as edificações e as paisagens constituem a mais importante externalização da memória humana. Além dos seus propósitos práticos, estruturas arquitetônicas “domesticam o espaço para a habitação humana ao transformarem espaços anônimos, uniformes e indefinidos, em lugares distintos e com significância humana.” (PALLASMAA, 2018 p.14).

Complementando a argumentação exposta por Pallasmaa (2017), podemos retomar Nora que exalta a “aura simbólica” que reveste o lugar de memória, sem deixar de observar a sua condição material: “São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. [...] Só é lugar de memória se a imaginação o investe uma aura simbólica” (NORA, 1993, p.21). Dessa forma, fica evidente que os símbolos buscados pelos ituetenses estão relacionados ao lugar de memória, à imaginação, à afetividade daquele povo com o lugar demolido.

Pierre Nora (1993) entra, portanto, em um campo de conceito mais ligado ao sentimental, ao imaterial, e chega à ligação do espaço com suas significações e identidade, entendendo que os lugares de memória necessitam da porção material e histórica. Mas, o que o torna lugar de memória é aquilo que vai além destas características, sendo um lugar duplo, com a parcela material e imaterial. Nora traz a questão simbólica para a discussão, onde tudo tem significado.

Para aprofundar nos estudos sobre Itueta devemos então ter a consciência do lugar em contínua interrelação com o território. Aquele, emerge porque além da afetividade que qualifica um dado espaço, há relações sociais e de poder que recortam territórios (2004a). Esses territórios possuem elementos físicos e imateriais, diretamente ligados à identidade dos que o vivenciam.

Se para Nora (1993) lugares de memória reúnem os aspectos material, simbólico e funcional, simultaneamente, com destaque para a áurea simbólica da memória afetiva; no caso de Itueta, o novo templo seria um local com todos os três aspectos. Neste sentido, podemos concluir que a não aceitação do novo templo estaria também relacionada à falta dessa “aura simbólica” tratada por Nora. O autor afirma ainda que “não existe mais um homem-memória, em si mesmo, mas um lugar de memória” (NORA, 1993, p.21). Dessa maneira, considerando a ideia que a igreja demolida se tornou um símbolo do que a cidade era, é possível inferir, (mesmo que de forma parcial), que sem esses símbolos a memória se perderia e junto com ela a identidade das pessoas daquela cidade. Por isso foi tão importante promover a construção de um templo com as mesmas simbologias e significados da igreja da antiga Itueta, trazendo de volta ao espaço material as simbologias consideradas sagradas e que estavam presentes na memória das pessoas da comunidade envolvida.

A percepção e vivência do espaço imaterial traz para o estudo dos símbolos católicos das igrejas de Itueta a ideia de constituição de territórios e conseqüentemente de multiterritorialidades. Conceito desenvolvido pelo geógrafo brasileiro, Rogério Haesbaert. Para compreender tal conceito, devemos entender que a visão de Haesbaert (1999, p.197) sobre identidades territoriais está atrelada a uma identidade social que se define através do território. Ela ocorre mediante a apropriação tanto no campo das ideias quanto na realidade concreta. Dessa maneira, o espaço geográfico é parte fundamental dos processos de identificação social. Nessa linha de pensamento, o autor vincula a simbologia ao espaço, afirmando que não há território sem identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) partindo de seus habitantes.

Trazendo as ponderações de Haesbaert para o contexto do objeto de estudo dessa pesquisa, a identificação simbólica com o espaço e o grande valor que os símbolos têm para a comunidade, indicam uma identidade social, com um vínculo estreito com a arquitetura. Mais do que a sua localização (quer seja na Itueta antiga, que seja na nova), os templos tem valor simbólico e são parte fundamental para os processos de territorialização da população da cidade. Obviamente fazem parte da realidade concreta (objeto físico), mas também do campo das ideias, já que seus símbolos são de grande valor para a comunidade e demonstram identificação, da mesma maneira que interferem na constituição das multiterritorialidades.

Dessa maneira, é possível compreender que o deslocamento forçado da cidade, não trouxe aos seus moradores a chamada desterritorialização. Já que a Itueta antiga se mostra presente e imponente através das memórias e da necessidade dos símbolos. Rogério Haesbaert, trata a desterritorialização como mito: “Não no sentido de que simplesmente ‘não exista’ desterritorialização, mas de que se trata de um processo indissociavelmente ligado à sua contraface, os movimentos de (re)territorialização.” (Haesbaert, 2004b). Nesse sentido, podemos entender a construção das multiterritorialidades, tratada por Haesbaert (2004a) como um movimento complexo de territorialização, onde há a vivência constante e concomitante de diversos territórios.

Na nova Itueta a necessidade de memória transforma em essenciais os símbolos que existiam na antiga igreja. Assim, se constrói dentro do novo espaço a imprescindibilidade do território antigo, sem se desvincular do novo contexto que se apresenta. Ou seja, a nova e a antiga Itueta estão presentes na vivência dessas pessoas, expondo a multiterritorialização conceituada por Haesbaert. Essa multiterritorialização é tão forte que uma nova arquitetura religiosa, com estilo diferenciado, não foi aceita pela população. Era necessário ter os símbolos que a antiga igreja tinha, por isso se fez indispensável construir um novo edifício religioso que remetesse ao antigo território, que, claramente, não foi desterritorializado.

A relação entre o território, as territorialidades e a religião são estudadas pela Geografia Cultural a algum tempo por autores como Tuan (1980) e Bonnemaïson (2002 [1981]). A partir da década de 1990 começam a surgir muitos estudos brasileiros sobre a Geografia da Religião, a partir da nova Geografia Cultural. Destes estudos mais recentes se destacam na pesquisa do tema Gil Filho e Rosendahl. Esta última, em muitos trabalhos, aprofunda nas territorialidades da religião católica e tem sua abordagem de pesquisa apoiada na dicotomia sagrado-profano, por isso tem seu olhar voltado para as representações espaciais visíveis da religião, buscando concilia-las com os aspectos místicos do tema. Gil Filho estuda as questões mais subjetivas do assunto, com caráter fenomenológico. Suas pesquisas buscam compreender os sentidos das ações religiosas. Portanto, Rosendahl e Gil Filho são suporte para essa pesquisa no que tangencia a vinculação da religião com as multiterritorialidades.

Para Rosendahl (2013), se entendermos o território religioso como reflexo de um espaço vivido no cotidiano da fé, podemos compreender o fortalecimento das

relações e os fluxos instalados no espaço, gerando assim uma identidade religiosa e um sentimento de pertencimento a um determinado grupo religioso. A geógrafa aponta a indissociabilidade entre território e identidade e afirma que “o território favorece o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto”. (Rosendahl, 2013, p.108).

Analisando a relação entre a prática religiosa e os lugares, Rosendahl (2013) interpreta que “a religião imprime uma marca na paisagem por meio da cultura” (p.112) e também se apoia na ideias de Norton (2000) para discorrer que a ocupação humana dos espaços e o uso de símbolos, criam espaços simbólicos e transformam aquele espaço em lugar, ligando o conceito de lugar sagrado com o significado cultural do indivíduo ou grupo religioso. Desta forma, cada comunidade religiosa tem seu modo de vivenciar o lugar, de forma a constituir um ponto fixo em que reencontra suas lembranças (Rosendahl, 2001, 2005, 2013):

A experiência da fé, em termos geográficos, deve ser explorada no lugar em que ela ocorre este lugar está impregnado de simbolismo e não foi meramente descoberto, fundado ou construído, mas reivindicado, possuído e operado por uma comunidade religiosa”. (ROSENDAHL, 2013)

Buscando uma análise com vértice voltado para as questões subjetivas que envolvem a religião e seus símbolos inseridos no território, como já foi dito neste trabalho, Pereira e Gil Filho (2012) se apoiam nas ideias de Cassirer (1994). O filósofo alemão defende que o homem é a única espécie animal que, além do sistema receptor e efetuator, possui o sistema simbólico, que transforma a vida humana nos levando a viver em uma nova dimensão da realidade. Os demais animais reagem imediatamente a estímulos externos mas, nós temos um processo mais lento e complicado em função do pensar. Ou seja, nas ideias cassirianas o homem é um ser simbólico. Desta forma, supera-se a vida biológica e passa-se de uma vida em um universo de fatos para um universo simbólico. Assim, Gil Filho defende que:

A religião, é parte deste universo pleno de significados que faz parte indissociável da experiência humana. Sendo assim, o homem não está somente diante da realidade imediata, mas à medida que sua prática simbólica se realiza ele busca os significados da existência. O homem é o protagonista deste conhecimento simbólico e desta prática social da religião. (GIL FILHO, 2007, p.210)

A Geografia Cultural através da Geografia da Religião, estuda portanto, a relação que as pessoas desenvolvem com os lugares sagrados. Tuan (1980), afirma que as pessoas criam e mantem ligações emocionais por meio das edificações ou lugares sagrados. Rosendahl (2005) por sua vez, entende que territorialidade religiosa é o conjunto de práticas realizadas por instituições ou grupos com intenção de controlar um território, onde o poder do sagrado transmite identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo, sendo essas territorialidades fortalecidas pelas experiências religiosas que o grupo mantém no lugar. Assim, a autora compreende que é pelo território que se estabelece a relação simbólica que existe entre cultura e espaço. A geógrafa ainda afirma que a religião imprime marcas que identificam e delimitam um dado território religioso.

Não foram encontrados estudos especificamente ligando as multiterritorialidades à religião ou à lugares sagrados. Todavia, com base nos estudos de Rosendahl e os relacionando com o panorama encontrado em Itueta, podemos entender que ao mudar as marcas e símbolos da edificação religiosa entregue à comunidade católica, o consórcio entra em conflito com a identidade católica já configurada e com a relação simbólica existente entre o espaço sagrado e a cultura daquela comunidade. Essa circunstância surge a partir da ausência de pertencimento, gerada em função da dificuldade de apropriação. Não ocorre uma territorialização de fato da igreja construída pelo consórcio, tão pouco ocorre uma desvinculação da igreja da Itueta antiga. Essa “precarização” territorial se expressa no esforço comunitário dos católicos sem iniciar a construção de uma “nova” igreja ao lado daquela entregue pelo consórcio. Nesse sentido, vislumbramos uma espécie de “empilhamento” de territorialidades. São múltiplas territorialidades que se expressam e se articulam a um “território sagrado” composto por infindáveis níveis de significação.

Pallasmaa (2017) afirma que a identidade cultural se trata de uma sensação de possuir raízes e pertencer e que este é um terreno insubstituível na humanidade. O arquiteto ainda diz que as identidades não dialogam apenas com espaços físicos e arquitetônicos, elas nos tornam membros de inúmeros contextos e identidades culturais, sociais, linguísticas e também arquitetônicas e estéticas. A associação das identidades não se dá de maneira isolada, mas à continuidade da cultura e da vida. Para o autor as verdadeiras identidades não constituem apenas vínculos momentâneos, mas sim se expressam de maneira histórica e contínua. Não se

tratam de um aspecto fechado, mas de um intercâmbio: enquanto nos adaptamos ao lugar o lugar se acomoda em nós.

Podemos entender que desta forma, Juhani Pallasmaa se aproxima de um conceito de multiterritorialidades. Esta sobreposição simultânea de diversos aspectos e sua característica de continuidade nos remete a Itueta. Assim podemos indicar que mesmo mudando o espaço físico, a identidade dos católicos se mostra enraizada na cultura, na história, na vida daquelas pessoas de maneira profunda. Elas precisam deste terreno identitário para se sentirem acolhidas e pertencentes ao novo lugar.

Para compreender um objeto de tamanha complexidade, tanto nas questões sociais quanto acadêmicas, faz-se necessário estabelecer ferramentas de pesquisa adequadas para a identificação e análise dos vários aspectos envolvidos no estudo. As fontes bibliográficas, que serviram de suporte teórico; além de levantamento de dados em campo, a partir de vídeos e fotos atuais e antigas cedidos pela comunidade e registros visuais próprios, para traçar o panorama da situação a partir dessas referências.

O levantamento bibliográfico teve intenção de dar subsídio teórico às análises pretendidas. Portanto, foram analisadas produções acadêmicas, pesquisas, livros, artigos em diversas áreas do conhecimento, destacando a Geografia Humanista com enfoque na Geografia Cultural, a História e a Arquitetura. A Arquitetura foi a referência mais voltada para a questão material da temática, dando suporte para a análise das formas simbólicas do exterior e do interior das igrejas em estudo. A História será proposta em sua intrínseca articulação com a memória. Para nosso aparato analítico optamos pela Semiótica Social.

A busca por fotografias e vídeos se deu tanto na Paróquia São João Batista e no Museu de Itueta, quanto junto aos moradores ituetenses nas visitas realizadas à cidade durante o período de pesquisa. Além de buscar material existente, as vistas tiveram a intenção de produzir acervo próprio que pudesse complementar o repertório de registros visuais de Itueta. Consideramos os documentos que apontassem imagens da relocação da cidade com interesse especial pela catalogação relativa às igrejas e seus símbolos.

Na intenção de reunir informações, foram feitas três visitas à cidade de Itueta. A primeira, no dia 15 de novembro de 2017, com outros alunos do programa de mestrado e a Professora Dra. Suely Siqueira, para conhecer a cidade de Itueta (nova) e onde era a antiga Itueta. Na ocasião estavam presentes dois antigos

moradores da cidade demolida, as conversas e impressões desta visita foram anotadas em caderno de campo para melhor elucidação da perspectiva do tietense acerca do cenário pesquisado e do registro das sensações e percepções pessoais vivenciadas no local. Além das anotações, na oportunidade foram feitos registros fotográficos da nova cidade e de algumas imagens que um dos moradores fez questão de compartilhar com todos os presentes.

Na segunda visita, realizada no dia 17 de fevereiro de 2018, foram feitas novas imagens do local, além de algumas conversas informais com moradores que se ofereceram. Essas conversas não se caracterizaram como entrevistas, mas como registro em caderno de campo, como parte da observação. Ocorreram, em função da presença no campo de pesquisa, situações em que, espontaneamente alguns moradores questionaram sobre a pesquisa e indicaram informações que foram consideradas (nesta pesquisa) sem, contudo, haver identificação. Essas informações contribuíram, inicialmente, apenas como registro em caderno de campo e não como base no desenvolvimento da análise, que sempre esteve voltada para a compreensão da arquitetura através da semiótica social.

Na terceira visita, ocorrida no dia 1º de setembro de 2019, foi possível identificar a evolução da construção da igreja da comunidade, fazer novas fotografias e acompanhar um registro de vídeo, feito por um morador da nova Itueta. Ao registrarmos as igrejas um morador que estava no local quis explicar os elementos dos templos. Neste sentido, consideraremos as informações em caderno de campo sem identificá-lo.

Trabalharemos, portanto, com os seguintes vídeos: o vídeo 01 feito em 22 de outubro de 2004, quando um morador faz as imagens e descreve o cenário de demolição da cidade. Neste vídeo são registradas outras edificações na Itueta antiga, mas a maior parte da duração do vídeo o morador registra a igreja. As análises são restritas a estes trechos de registros do templo, desconsiderando a demais edificações. Para resguardo da fonte e sigilo de autoria não serão usados ou reproduzidos os áudios dos vídeos, nomes ou imagens de moradores. No trabalho fizemos algumas citações dos trechos que mostram apenas elementos referentes à igreja.

O segundo vídeo foi produzido para essa pesquisa quase 15 anos depois do primeiro, na visita do dia 1º de setembro de 2019. No vídeo 02 o morador se oferece para acompanhar a visita e solicita participar da gravação. O pedido foi feito com



muita cordialidade e presteza. O morador participou então do processo de registro e conduziu a visita nas igrejas da nova cidade. Realçamos que apesar dos vídeos conterem informações e declarações de moradores, foi considerado somente as imagens das igrejas nos ambientes externos e internos.

Os conceitos teóricos que pautam essa reflexão têm referência em três descritores: Topofilia, lugar de memória e multiterritorialidade. Essas são as bases do entendimento encontrado ao pesquisar a maneira que memória social dos símbolos sagrados da Igreja Católica de Itueta interfere na constituição das multiterritorialidades dessa comunidade. Esses conceitos foram escolhidos para dar base a esse estudo em função de análise preliminar do material teórico alinhavado com as imagens da antiga igreja e do cenário observado no local na primeira visita que sucederam o desenvolvimento inicial deste trabalho.

Estudar a Topofilia é uma hipótese levantada para este estudo já que envolve a busca do entendimento da relação da população de Itueta com o espaço e os sentimentos envolvidos nessa relação.

Nos casos como de Itueta, esse lugar de memória está diretamente associado à memória coletiva. Ela se faz presente e torna necessários os símbolos que existiam na antiga igreja, constrói dentro do novo espaço a necessidade do território antigo, sem se desvincular do novo contexto que se apresenta, o território material, a nova cidade. Ou seja, a nova e a antiga Itueta estão presentes na vivência dessas pessoas, expondo a multiterritorialização do contexto estudado.

### 3.1. FONTE BATISMAL: SEMIÓTICA SOCIAL

A Igreja define o batistério como um dos lugares mais importantes do edifício sagrado. Pois esse é o lugar que celebra o primeiro sacramento, no qual é dado Espírito de filhos de Deus. O homem ou mulher batizada é inserido no corpo de Cristo, recebem a unção do Espírito Santo e se tornam templos de Deus, membros da Igreja. (PINHEIRO, 2019)

Trataremos da fonte batismal, local de batismo, rito de entrada na vida cristã, que dentro da nossa jornada será o espaço de desenvolvimento das análises semióticas das fotográficas coletadas em campo. A semiótica social trabalha com o conceito de recurso semióticos, que são os artefatos, de variados tipos, que usamos para nos comunicar e tem significados e percepções entendidas dentro de um dado

contexto (Van Leeuwen, 2005). Iniciaremos então nosso batismo no campo da semiótica, buscando entender o que é este nosso instrumental para as análises das fotos e dos vídeos.

Para a análise contextual da conjuntura das igrejas católicas de Itueta aplicaremos as ideias de Theo Van Leeuwen que tem na semiótica social um plano de desenvolvimento de análise. Segundo Van Leeuwen (2005), a semiótica social não se trata de uma teoria ou de um campo de estudo isolado, ela acontece a partir de uma aplicação em determinado campo social, ou seja, ela reivindica a imersão de quem a utiliza, já que não é apenas a aplicação dos conceitos e métodos, destacando assim a sua essencialidade interdisciplinar, unindo-se impreterivelmente ao campo social.

Van Leeuwen (2005), ainda indica que semiótica social é um tipo de pesquisa e não uma resposta pronta, sendo assim, ele indica que os semióticos sociais devem contribuir com três aspectos neste campo de estudo: o primeiro deles é coletando, documentando e catalogando sistematicamente recursos semióticos se atendo às histórias deles; logo depois, devem pesquisar o uso desses recursos em diferentes contextos históricos, culturais e institucionais e como as pessoas veem esses contextos; e finalmente, os semióticos contribuem para elucidar novos usos para os recursos semióticos existentes e descobrir novos recursos e desenvolve-los.

Para compreendermos estas ideias é necessário assimilar o que o autor entende por recurso semiótico:

Defino recursos semióticos como as ações e os artefatos que usamos para nos comunicar, sejam eles fisiológicos – como nosso aparato vocal; os músculos que usamos para criar expressões faciais ou gestos, etc. – sejam eles meios tecnológicos – como uma caneta, tinta e papel; soft e hard de computadores, tecidos, tesouras e máquinas de costura, etc. (LEEUVEN, Theo Van. 2005, p. 4)

A semiótica social se apresenta então através de recursos semióticos, antes chamados de signos, esses recursos são significantes, ações e objetos observáveis e que se relacionam diretamente com o domínio social dado a eles, sendo conhecido e considerado relevante pelos usuários do recurso. (Van Leeuwen, 2005).

Sendo assim, a aplicação da semiótica social no contexto de Itueta parte do entendimento do que já foi exposto até aqui sobre todo o cenário social instalado a partir do desenraizamento dos ituetenses. Ou seja, a semiótica social só pode ser

aplicada ali a partir da compreensão da formação histórica do território inicial e suas tessituras sociais, da importância dada pela própria população ao templo que foi demolido, das circunstâncias do deslocamento forçado e da entrega de um templo com características arquitetônicas muito diferentes das que aquela população entende como sagrada.

Segundo Van Leewen (2005), praticamente tudo o que fazemos ou realizamos pode ser feito de maneira diferente, e usa como exemplo o andar. Essa ação se apresenta de várias maneiras diferentes, como o caminhar de uma modelo na passarela e o andar de um soldado no exército. Desta forma, conseguimos desenvolver a associação de significados sociais e culturais diferentes, ou seja, a partir do momento que se aproveita de um recurso semiótico é possível descrever o seu potencial de construir significado dentro de determinado contexto.

Assim, ao estudar o potencial semiótico de um recurso semiótico, devemos buscar a compreensão de como aquele recurso foi, é e poderá ser usado para fins de comunicação. Para isto, Van Leewen (2005), propõe elaborar um inventário para o recurso semiótico de possíveis usos no passado e no presente e, se possível, seu uso futuro e de seus usuários.

No nosso estudo das igrejas de Itueta, foi utilizado o ~~percebemos iremos elaborar esse~~ inventário usando as ferramentas propostas por Van Leewen (2005) e buscando associar os elementos simbólicos daquelas edificações com a multiterritorialidade percebida no referido cenário.

Para a elaboração do inventário dos símbolos sagrados encontrados, na arquitetura sacra das igrejas da matriz da paróquia São João Batista de Itueta adotaremos um quadro com alguns princípios que Van Leewen (2005) propõe para estudar arquitetura. O quadro original se mostrou confuso e optamos por adapta-lo, já que essa é uma das características da semiótica social, ajustar as análises de acordo com as circunstâncias:

Quadro 01 - baseado nas explicações de Van Leewen (2005)

Segregação	Dois ou mais elementos ocupam universos visuais inteiramente diferentes, e isto indica que eles devam ser vistos como pertencentes a ordens diferentes.
Separação	Dois ou mais elementos estão separados por espaços vazios e, isto quer dizer, podendo ser vistos como similares e alguns

	aspectos e diferentes em outros. Ou seja, é a desconexão entre elementos com um espaço livre entre eles, criando uma espécie de zona de amortecimento ou uma terra de ninguém entre eles.
Permanência	É a possibilidade de flexibilizar ou dinamizar enquadramentos favorecendo a estadia no espaço. Além disso, pode ser entendido externamente, como uma construção duradoura.
Permeabilidade	Apesar de uma encarceração total ser possível, a maior parte das paredes tem portas e janelas que permitem a permeabilidade. É a capacidade do olhar, da luz, do vento, da pessoa entrar no ambiente.
Rima/ contraste	Dois elementos – ainda que separados – têm similaridades e diferenças pelo uso de cores e materiais, por exemplo. É a composição harmônica do ambiente, ou a ausência dessa característica.

Fonte: baseado em Van Leewen (2005), com esclarecimento da aurora.

Van Leewen ao comparar linhas de análises que são semelhantes, (propostas por ele mesmo) sendo uma para análise de texto publicitário e outra para arquitetura de interiores, a autor entende que rima/contraste e segregação/separação são princípios semióticos multimodais. E que, apesar de encontrar diferenças entre representações verbais e visuais e diferentes formas de concretizações físicas destas representações, o trabalho semiótico é o mesmo: conectar ou desconectar, segregar ou separar, criar similaridades ou contrastes. Além disso o semiótico ainda esclarece:

Recursos de enquadramento similares ou iguais existem e são usados em contextos sociais e momentos históricos diferentes. O aspecto histórico é importante aqui. Ele se apresenta de um modo mais evidente que qualquer outra coisa no modo como as pessoas usam – e adaptam, e transformam – os recursos semióticos de acordo com seus interesses e necessidade no tempo e no seu contexto [de atividades]. (LEEUWEN, Theo Van. 2005, p. 20)

Ao propor uma análise da arquitetura através da semiótica social estamos entendendo que esta é uma forma de expressão, de comunicação, que a arquitetura pode e deve ser lida, e exatamente por isso, deve ser criada como uma forma de

comunicar algo. O arquiteto Okamoto (2002, p. 9), trata dessa questão apontando a necessidade de “criar o ambiente perceptivo do homem para seu desenvolvimento adequado, utilizando uma linguagem ambiental”.

Neste sentido de linguagem, Van Leewen toma como base as ideias de Halliday (1975) que entende que a linguagem se relaciona tanto com o que fazemos quanto com o que queremos significar, segundo Van Leewen (2005, p.73), “significar é de fato apenas uma das coisas que fazemos, enquanto que o modo como fazemos as coisas é em si mesmo também significativo.” Com estes fundamentos, o holandês afirma que edifícios são sempre simbólicos e funcionais, ou seja, devem atender ao seu propósito primário de abrigo e habitação, mas sofrem influências culturais, sendo compreendidos e praticados de maneiras diferentes em culturas e épocas distintas.

No tocante a religião, Van Leewen corrobora com as ideias de Durkheim (1912), afirmando que a religião funciona como instrumento para satisfazer mais as necessidades sociais que as individuais, e assim ela pode ser entendida como um sistema de significados, interpretando o que é o mundo e as razões de o ser assim, tendo a positiva função de manter a coesão e a unidade moral:

A ideia chave foi a de ver a sociedade como relações entre partes – indivíduos ou pequenos grupos – e como um todo – sociedade – nas quais as atividades das partes funcionam para manter a coesão e a unidade do todo, enquanto que o todo funciona para satisfazer as necessidades básicas das partes. Neste processo, as necessidades humanas básicas são transformadas em imperativos culturais que as pessoas então internalizam, de tal modo que eles se tornam uma segunda natureza para elas e não mais são vistas como imposições. (LEEJWEN, Theo Van. 2005, p. 74)

Tendo em vista o entendimento de que a semiótica social se aplica como uma investigação que leva em conta o contexto de inserção do recurso semiótico e já tendo feito o nosso contexto apresentado, podemos então desenvolver nossas análises, das igrejas católicas de Ituetá usando os princípios propostos por Van Leewen, mas para isso temos que estabelecer o nosso recurso semiótico. Esse é um ponto fundamental nesta pesquisa, já que temos três templos, mas um deles foi demolido, em função disto usaremos fotografias e dois vídeos, um que registrou a antiga igreja em demolição e outro com as imagens dos templos na nova cidade.

Tendo então elaborado nosso inventário de aspectos a serem analisados, que sustenta nossas observações daqui para frente, precisamos conhecer as imagens

que serão analisadas. Esta reunião de fontes de análises, Van Leewen (2005) chama de coleção. Vamos então passar para o ápice do nosso processo analítico, apresentar a coleção e aplicar a ela o inventário elaborado para esta conjuntura. É em função desse auge da pesquisa, que o capítulo que o abriga tem o título de “nave principal”. No espaço sagrado católico este é o local onde os fiéis se acomodam para participar das celebrações e ritos.

#### **4. NAVE PRINCIPAL: AS IGREJAS, OS SÍMBOLOS E AS MULTITERRITORIALIDADES**

Retomaremos alguns elementos da formação territorial da antiga Itueta para pontuarmos o processo histórico e identitário do grupo católico. Como já indicado no capítulo introdutório, podemos distinguir três núcleos: um constituído por brasileiros, em sua maioria, oriundos da Zona da Mata, liderados pelo Coronel Osório, que deu origem ao território que posteriormente seria a sede do município de Itueta. Contudo essa comunidade teve formação mais tardia que as outras duas, ocupando um território entre os grupos de imigrantes europeus. O segundo núcleo, era formado por imigrantes e descendentes alemães e pomeranos. Eles ocuparam a margem esquerda do rio, dando origem à Vila Nitziel. Por fim, o terceiro núcleo, composto por imigrantes e descendentes italianos, na margem direita do rio. Eles formaram a Vila de Quatituba (GENOVEZ et al., 2012; SANTOS, 2013).

Até 1950 a ligação entre estes três grupos era a estada de ferro, que na estação reunia os núcleos para as trocas e comércio, mas a socialização era superficial. Este isolamento foi rompido quando os alemães e pomeranos matricularam seus filhos nas escolas do município, possibilitando a participação dos mesmos na comunidade formada pelos brasileiros, e abrindo a possibilidade de usufruírem das oportunidades que o desenvolvimento local oferecia. Além da educação, outro aspecto que favoreceu a aproximação dos núcleos, foram as festas religiosas. Os migrantes italianos demonstravam sua devoção construindo na região diversas capelas em homenagem aos santos da igreja católica. As festividades em comemoração aos padroeiros aconteciam em várias datas do ano e eram comemoradas por todos que faziam parte daquela comunidade. Assim, como as festas religiosas os casamentos eram marcados por alegria e comidas tipicamente italianas. Porém, durante muito tempo só aconteceram entre os próprios descendentes dos italianos (GENOVEZ et al., 2012; SANTOS, 2013; NICOLI e SIQUEIRA 2012).

Aos poucos as relações entre os núcleos foram se intensificando dentro deste cenário culturalmente plural, marcado pelas diferentes tradições e pela aproximação através da educação e das festas religiosas. Todavia, formaram-se relações sociais cada vez mais próximas trazendo anseios comuns aos grupos e gerando, assim,

cada vez mais, a sensação de uma comunidade coesa, refletindo uma identidade cultural ituetense (GENOVEZ et al., 2012; SANTOS e BIVIATI, 2015). Deste ponto de vista já podemos identificar um aspecto inerente à esta comunidade que se formou em Itueteta: a religião é um crucial ponto de referência social, um símbolo do respeito e da união entre os núcleos fundadores desta comunidade e uma das gênesis da identidade cultural deste povo.

As capelas construídas pelo núcleo italiano por toda Região Geográfica Imediata de Aimorés-Resplendor, atualmente se tornaram igrejas admiradas e importantes dentro daquela comunidade. Todas essas igrejas trazem referências da arquitetura sacra europeia dos séculos XIX e XX. Além disso, todas elas são volumetricamente parecidas com a “igreja antiga”, de Itueteta. Podemos observar nas imagens a seguir tal semelhança:

- A- Cruz
- B- Torre
- C- Janela sineira
- D- Óculo
- E- Cornija
- F- Pináculo
- G- Brasão
- H- Tímpano
- I- Arco ogival
- J- Colunas aparentes
- K- Portada
- L- Escadaria

Podemos observar a partir da semiótica social, ~~considerando~~ que cada uma das igrejas é um recurso semiótico, inclusive na somatória harmônica de seus elementos. Nas figuras de 5 a 8, além dos elementos destacados, observamos que as fachadas são simétricas, com torre, cruz e portada centralizadas. Além disso, todas tem cores claras que se integram com o branco de alguns elementos em destaque e com o telhado aparente da torre. Elas não são idênticas entre si, cada uma tem sua peculiaridade, como por exemplo, as colunas cilíndricas na figura 6, os arcos redondos na figura 7, a imagem da santa padroeira acima da portada na figura 8. Mas as semelhanças são de variadas ordens e percebidas com mais clareza quando apontadas:

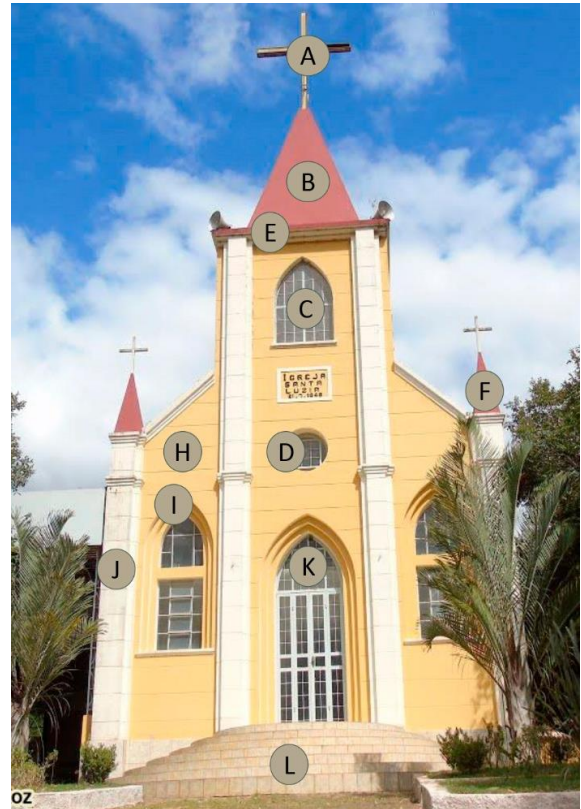


Figura 05 – Igreja católica da antiga Itueta



Fonte: Morador de Itueta

Figura 06 – Igreja Santa Luzi



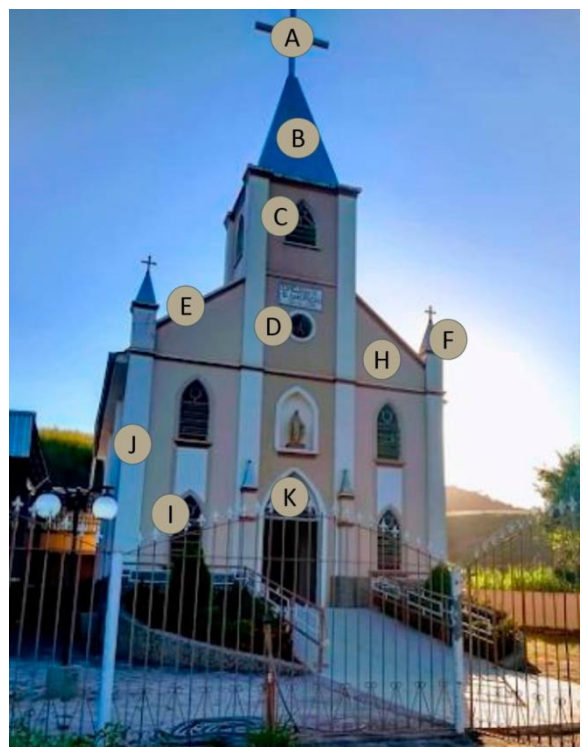
Fonte: Morador de Itueta

Figura 07 – Igreja Santo Antônio de Pádua



Fonte: Morador de Itueta

Figura 08 – Igreja N. S. das Graças



Fonte: Morador de Itueta

Nas imagens de 5 a 8 podemos observar diante dos elementos destacados, alguns dos componentes externos que identificam estilos arquitetônicos, que são também recursos semióticos, já que trazem ideais e discursos ao trabalhar a forma e o espaço que, por sua vez, influenciam na cultura e na vivência das pessoas que habitam os edifícios elaborados no seio destas ideias. Estas igrejas tem na maioria dos itens destacados, elementos típicos da arquitetura neogótica, apesar de ter também características de outros estilos. O neogótico que era o principal estilo adotado no início do século XX no Brasil, ou seja, contemporâneo à formação do território da antiga Itueta. São características dos estilos arquitetônicos gótico e neogótico: torres, pináculos, arcos ogivais, óculos, ornamentação em janelas, paredes e portas e principalmente a verticalidade, o direcionamento das linhas para o alto (GRAOGE, 2014).

É importante destacar que na arquitetura sacra, o estilo gótico foi desenvolvido durante a Idade Média e era conhecido como a “arte das catedrais”, isso se deu em função de ser um período em que as principais construções eram as edificações religiosas da igreja católica, fruto da visão teocêntrica do período. A intenção era que a obra apontasse para o infinito, associando com a ideia de proximidade com o céu, para tal efeito os arquitetos faziam uso de formas pontiagudas e esquias e a predominância de linhas verticais. (PEREIRA, 2007)

Na maioria das igrejas da região de Itueta, assim como os exemplos que mostramos nas imagens (5 a 8 página 62), os traços neogóticos são adotados e se associam de maneira harmoniosa à características de outros estilos, como a simetria e o contraste de cores, de maneira a configurar uma identidade regional à arquitetura sacra. Um outro aspecto nessa questão é que a arquitetura gótica tem uma busca por exuberância, para mostrar a grandeza divina sobre o homem, mas na região o estilo é trabalhado de maneira mais simples, provavelmente, em função dos recursos das paróquias e por serem edificações construídas com a participação dos paroquianos. Assim, com essas construções tem-se em uma edificação que, apesar de usar traços da arquitetura gótica, não se distancia da população; muito pelo contrário, a identificação da comunidade é tão grande que se configura uma forte relação de familiaridade com o espaço produzido por esta arquitetura sacra.

Estas igrejas são só alguns exemplos, dos vários existentes com a mesma semelhança, que podem ser encontradas na região. Essas afinidades visuais

apontam os aspectos semiótico de permanência e de rima. A permanência é vinculada à essa continuidade no tratamento de todos os espaços sagrados da região, a arquitetura sacra com mesma tipologia, remete a algo que dura e faz parte da cultura, ou seja, algo que permanece. A rima é compreendida de maneira parecida, mas no sentido de provocar uma assimilação automática daquela arquitetura religiosa, a um espaço sagrado católico em função de serem todos com a mesma linguagem arquitetônica. Estas fachadas (figuras de 05 a 08) tão parecidas não são por mera coincidência. Há uma intencionalidade perceptível quando procuramos compreender este padrão subjacentes aos traços de um contexto cultural, identitário e simbólico. Isso mostra que os moradores daquela região, têm uma maneira de experimentar o lugar sagrado ligado a uma forma específica, aos elementos arquitetônicos, aos símbolos que essa arquitetura carrega.

Em uma comunidade forjada pelas referências e ligações religiosas a aparência, tanto externa quanto interna, de um local sagrado é carregada de elementos que são para as pessoas que o frequentam, sinais repletos de significado. São essas referências de sacralidade ligada ao lugar, portanto, uma maneira de se identificar, se enraizar, se territorializar.

Os templos mostrados nas imagens (6 a 8), trazem outras homogeneidades além das fachadas, mas neste estudo vamos aprofundar somente nos elementos contidos nas igrejas matriz da Paróquia São João Batista de Itueta. Sendo assim, vamos a partir de agora, pontuar outros componentes do contexto destas edificações e das fachadas e do interior das três igrejas matriz desta paróquia, para compreendermos de maneira mais profunda os símbolos usados na arquitetura sacra e a assimilação deles pela comunidade.

#### 4.1. A IGREJA DA MEMÓRIA

A antiga Itueta era tipicamente uma pequena cidade mineira do interior. Todos os moradores se conheciam, o convívio era harmonioso, as pessoas conversavam nas calçadas e na praça. O sino da igreja anunciava as horas e o seu alto falante funcionava como uma rádio que só falava das notícias locais. Na parte central, em um ponto mais elevado que as casas e os comércios do centro da cidade, ficava a igreja católica matriz da paróquia São João Batista. Ponto de referência não só como forma de orientação ou especificamente para a sua comunidade de

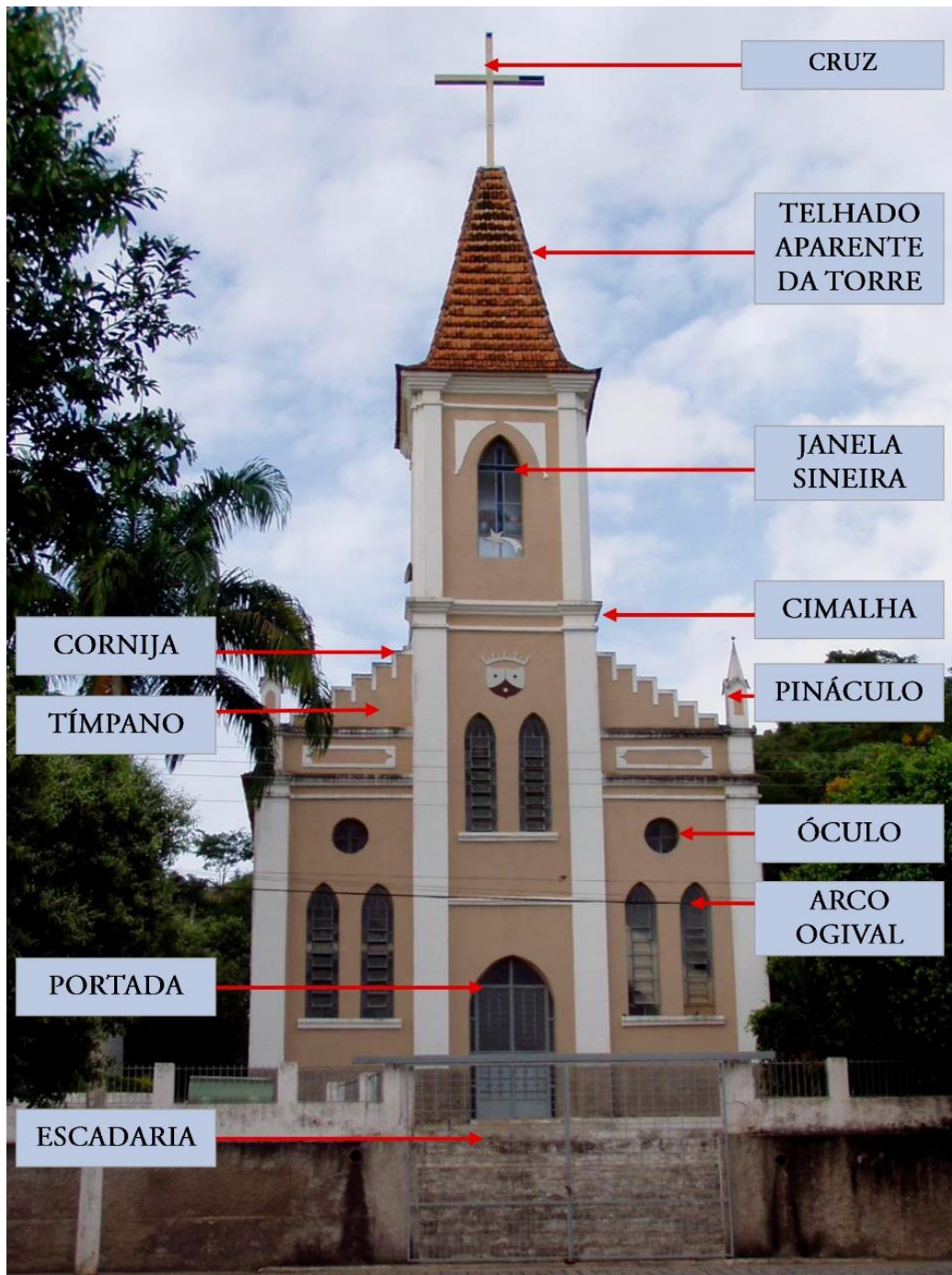
frequentadores, o templo era, para toda a comunidade ituetense, um símbolo de respeito, reunião social e uma expressão de sacralidade independente da crença (COSTA, 2011).

Em muitos estudos feitos a respeito da cidade de Itueta e da sua mudança de local, as narrativas dos moradores ouvidos nas pesquisas indicam sempre uma ligação muito grande de todos os moradores com o templo da igreja católica. Isso se deve a uma série de fatores, mas dentro do cenário estudado, identificamos dois pontos elementares: o pertencimento e a identificação.

O templo foi construído pelos próprios moradores da época, seja de forma direta, trabalhando na construção física do edifício, ou de maneira indireta, promovendo ações para arrecadar fundos para a construção. A comunidade se envolveu desde o começo e ao longo dos anos foi melhorando aos poucos a igreja por dentro e por fora. Costa (2011) colheu muitas entrevistas de moradores e constatou que eles tinham a igreja como uma referência para a cidade, um cartão postal, um centro do estreito convívio social que os moradores estabeleceram na cidade. Podemos entender que eles se sentiam pertencentes a este espaço, bem como fica claro pela naturalidade com que ali transitavam, o apego ao lugar demonstrado por todos e como se sentiam acolhidos. Eles sentiam a igreja como algo deles, ou seja, assim como a igreja pertencia a eles, eles também pertenciam à igreja enquanto espaço, tendo em vista que participaram de sua construção e desenvolvimento.

A admiração pela arquitetura da igreja é evidente, eles a tinham como um cartão postal, um símbolo! Isso é possível perceber nos vídeos, nas anotações feitas em caderno de campo e em outros estudos já realizados na cidade. Costa (2011) relata que “as pessoas a viam como uma construção muito bela e como o lugar que se caracterizava para além das celebrações e liturgias católicas, sendo, portanto, um espaço de convívio social da comunidade em geral” (COSTA, 2011, p.156). Ela trazia elementos arquitetônicos que, como já vimos, são tradicionais na região, são marcas interna e externas de uma referência de beleza e de sacralidade. Para aprofundar então neste aspecto da questão apontamos estes elementos na figura 09:

Figura 09 – Igreja matriz paróquia São João Batista na antiga Itueta



Fonte: Morador de Itueta – grifo nosso

A igreja tinha como componente principal da fachada a torre central, onde havia o sino. Todavia, existem outros elementos que compõe a imagem que os ituetenses identificam como “igreja católica”. Os arcos ogivais, os óculos, os pináculos, o telhado aparente na torre, os tímpanos, cornija e cimalha, todos esses detalhes compondo a fachada com minúcias e ornamentos, apontando para o alto onde há um arremate muito simbólico com a cruz.

Os vários ornamentos usados na fachada trazem um aspecto artesanal à edificação, no sentido de algo mais trabalhado e feito com carinho e cuidado, como um bordado ou uma confeitaria, desenvolvido por mãos de artesãos que se orgulham do trabalho final. Este edifício religioso tem a marca de quem a edificou, a comunidade.

Analisando de maneira técnica, as linhas da fachada são de predominância vertical, tendo destaque as janelas, torre e pináculos quase como setas que apontam para o alto. Trazendo para uma leitura de significados, estes elementos se dispõem de uma maneira como se apontassem o céu e o buscasse ao mesmo tempo, entrando assim numa sensível simbiose entre a forma e a crença. Na figura 10 podemos identificar estes traços (em vermelho), apontamos também linhas que não seguem essa linguagem (em azul):

Figura 10 – Igreja antiga com destaque das linhas da fachada



Fonte: Morador de Itueta – grifo nosso

O interior da igreja da antiga Itueta traz alguns dos elementos que encontramos no exterior, os arcos ogivais, óculos, pináculos e cimbalhas. Além disso existem outros ornamentos, típicos do ambiente interno da arquitetura sacra como altares menores, estações da via sacra nas paredes, retábulo e o piso em ladrilho, como podemos observar na figura 11:

Figura 11 – Interior da igreja da memória



Fonte: Morador de Itueta – grifo nosso

A repetição dos elementos externos no interior da igreja demonstra como estas formas são simbólicas para a comunidade de Itueta. Além disso, podemos entender que estes somados ainda a outros ornamentos, geram uma composição rica em detalhes.

Todos os estudos sobre a cidade da antiga Itueta, mostram que os moradores da cidade tinham aquele templo como referência de beleza e de união social. Ele era um dos pontos centrais físico e culturalmente para aquela comunidade. Sendo assim, podemos compreender que aquele templo foi além das fronteiras da religião, era um símbolo muito forte também para os ituetenses não católicos. Ou seja, aquela arquitetura se tornou uma referência sociocultural de templo religioso.

É interessante entender que a igreja da antiga Itueta, a princípio, pode ser analisada de forma isolada, mas as duas igrejas na nova Itueta estão dentro de um mesmo enquadramento visual (uma ao lado da outra), por isso mesmo que alguns elementos são analisados de forma mais aproximada, ainda sim, fazem parte de um

cenário complexo contendo as duas edificações religiosas. Além disso, existe a multiterritorialidade presente, não só nos dois templos existentes, mas também na memória coletiva da população trazendo para este contexto a igreja demolida. Sendo assim, nossa análise se inicia observando elementos nas fachadas das igrejas de forma completa, e em seguida passamos nossa observação para o panorama dos dois templos na nova cidade somando a igreja da memória a este contexto e considerando a multiterritorialidade encontrada ali.

Investigando a imagem da igreja antiga vamos analisar cada um dos princípios apontados por Van Leewen:

- a) Segregação: a escadaria é o ponto de segregação da igreja com o plano acima, ocupado pela cidade, demonstrando a dicotomia sagrado x profano e demonstrando que os dois planos – igreja e cidade – pertencem a ordens distintas.
- b) Separação: observamos que o telhado aparente da torre separa a cruz dos demais elementos da fachada, são, portanto, elementos similares, mas que se diferem em importância. A cruz vista como sinal do Cristo crucificado, um dos símbolos mais fortes do cristianismo, é destacado ao alto da torre.
- c) Permanência: há uma continuidade espacial vinculada ao padrão local das igrejas.
- d) Permeabilidade: as paredes tem janelas e porta que permitem a entrada de luz e ventilação e o observador externo pode perceber movimentação dentro da edificação, caso haja.
- e) Rima / contraste: através dos arcos ogivais a janela sineira e as demais janelas da fachada se assemelham, assim como a cor branca une cornija, cimalkas e os pilares, os destacando na fachada, criando um detalhe que quebra a monotonia visual.

#### 4.2. A IGREJA DO CONSÓRCIO

A mudança para a nova cidade deu-se sob circunstâncias conflituosas, onde a maior delas está ligada diretamente à igreja católica da cidade. O novo templo não só desagradou à comunidade, como foi rejeitado por muitos ituetenses. Para corroborar com este ponto, além do fato da população ter construído um outro



templo, existem inúmeros estudos que comprovam o sentimento de desagrada da população, após a mudança da cidade. Uma destas pesquisas foi desenvolvida por Costa (2011) que relata esta mesma percepção:

Em diversos momentos da entrevista foram constantes os relatos de indignação com a construção do templo da igreja na nova cidade, o que levou a um afastamento de muitas pessoas do convívio comunitário, segundo relatos de entrevistados, que chegaram a comentar que a igreja da nova cidade não conseguiu mais juntar as pessoas como se dava com a antiga. (COSTA, 2011, p.156)

O atual volume externo da igreja (figura 12), (para quem não está inserido no contexto que estamos analisando,) é a princípio um templo cristão moderno como tantos outros. Mas é exatamente esta a principal questão: o contexto cultural e identitário no qual este templo foi inserido.

A arquitetura escolhida para a edificação já não tem muitos elementos e referências da Igreja Católica, inclusive, a cruz que é vista atualmente na entrada do templo, foi colocada lá um tempo após o final da obra. Isso foi necessário para deixar claro que aquela é uma edificação religiosa cristã. Para entender melhor esses aspectos vamos apontar estes elementos na figura 12:

Figura 12 – Igreja matriz paróquia São João Batista entregue pelo consórcio na nova Itueta



Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 12 podemos deduzir que é intencional uma arquitetura com menos ornamentos e elementos. Mas essa falta de referências visuais dos símbolos que os moradores, além de considerarem belos, tinham como sinal de sacralidade, fez com que a edificação deixasse de ter a importância e significância primordial para sua aceitação como templo religioso pelos seus frequentadores. Na igreja do consórcio a comunidade não consegue se sentir verdadeiramente em um espaço sagrado.

A forma da igreja do consórcio é horizontal arredondada, não há a verticalidade tão marcante que havia na fachada da antiga igreja, não existe mais a referência de entrada. O portal de acesso ao interior do templo fica de maneira que todos entrem lateralmente, tornando o acesso menos convidativo e assim, simbolicamente, torna o edifício menos acessível à comunidade.

O acabamento em único material e cor traz à fachada ainda mais monotonia e um aspecto comercial ou empresarial, sem traços culturais e referência etnográficas. O prédio tem características modernas, negando ornamentos e priorizando o funcionalismo, numa distorção muitas vezes provocada pelo movimento modernista durante o século XX, que trazia o ideal de “limpeza visual”. Todos esses elementos, ou ausência deles, acabaram por retirar daquele espaço as características que o faziam ser reconhecido como sagrado, transformando-o em objeto sem significado, principalmente para quem se destinava.

Assim como a fachada, o interior do templo traz também as ideias difundidas pelo modernismo. Com poucos ornamentos a igreja tem um ambiente visualmente mais “limpo”, ou seja, como menos detalhes e faz vasto uso da cor branca. Atentamos na figura 13, para a existência de óculos, que não estão presentes na fachada principal da edificação. Observamos também consolos e, ao fundo do presbitério, uma parede com cor diferente onde fica o “crucificado”. O ambiente tem o formato de um leque, incomum aos costumes da região e o forro ondulado é igualmente atípico.

Figura 13 – Interior da igreja do consórcio



Fonte: Arquivo pessoal

Ao estudar arquitetura religiosa, Lima (2012) afirma que, a ela dirige para arquitetura sacra como um dos primeiros movimentos de manifestação artística do ser humano e sempre ligada a seu sentido sagrado, se mantendo assim ao longo da história, inclusive dentro da tradição judaico-cristã, que muda esta perspectiva no início da idade moderna, quando a arquitetura sacra deixa de ser desenvolvida exclusivamente por cristão praticantes, passando a ser elaborada, na maioria das vezes, por artistas ou arquitetos, alheios à prática religiosa, gerando templos que tem apelo visual, mas desvinculados da mistagogia<sup>12</sup> católica. O teólogo mostra a preocupação e ressalta que os casos mais graves, são quando o arquiteto além de não ter o olhar religioso, tem pouca sensibilidade artística.

Compreendemos então que, pelo menos no ponto de vista dos ituetenses, a Igreja do Consórcio se encaixa no ponto destacado por Lima (2012), já que traz poucas referências simbólicas. Ela não contém os elementos considerados belos pela comunidade a que se destina. Não há vínculos de familiaridade. Não se liga à

<sup>12</sup> Ato de iniciar e instruir (alguém) nas coisas misteriosas de uma religião.

identidade das pessoas, assim, não territorializa. Ao invés disso, traz referências estranhas à arquitetura conhecida pela comunidade, criando um novo ambiente, concomitante àquele presente na memória dos moradores de Itueta. Neste caso, a multiterritorialidade a se apresenta na arquitetura, principalmente, pela ausência dos símbolos buscados pela memória coletiva e a presença de símbolos ligados ao consórcio.

A familiaridade da comunidade com o antigo edifício e a memória social é que são determinantes para então, revelar a necessidade de ter uma edificação semelhante àquela que foi demolida, justamente, em função da falta de aceitação do edifício novo, que é, sem referências, sem raiz, sem territorialidade, portanto, sem identidade.

Usaremos os mesmos referenciais semióticos aplicados na igreja da memória, para investigar agora a igreja entregue pelo consórcio, ainda observando a igreja de forma isolada:

- a) Segregação: não há segregação ao observar a igreja. Apesar de ficar em um plano acima do nível da rua, a escada fica na lateral (de frente para o outro templo) e o acesso é feito através de um pátio de entrada.
- b) Separação: a fachada do edifício se caracteriza por ter uma “linha contínua” em sua forma, não provocando essa separação.
- c) Permanência: como estudamos o contexto da edificação, apuramos que a cruz que se destaca na fachada foi inserida pela comunidade após a entrega pelo consórcio, sendo assim podemos entender que a própria comunidade não assimila este elemento como um elemento permanente à edificação, e sim, algo provisório.
- d) Permeabilidade: as paredes externas frontais da igreja não têm janelas, tem porta única que promove acesso lateral, a porta é bem alta e se abre em duas folhas. A ausência de janelas e porta frontal provoca a sensação de enclausuramento, dessa forma a edificação, dentro do contexto social em que foi inserida, traz mais semelhanças à uma edificação carcerária que a um edifício religioso.
- e) Rima / contraste: o volume do templo do consórcio é todo em um mesmo material, pedra São Tomé cortada em quadrados, havendo contraste com a cruz de madeira inserida pela comunidade e com delicados frisos metálicos que seguem a forma das paredes frontais, mas não são

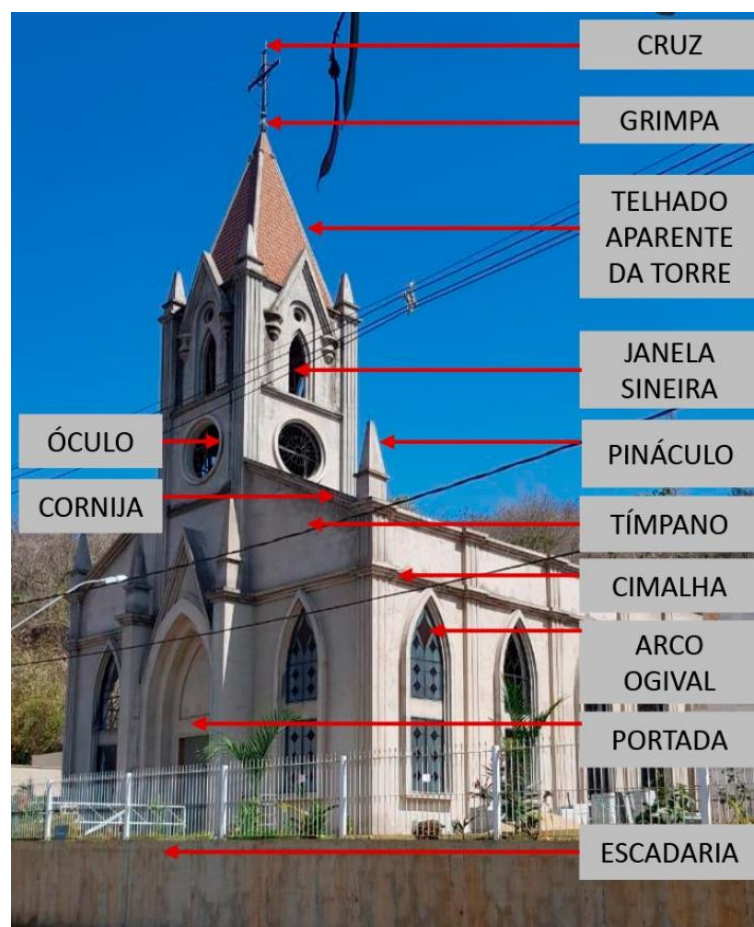
símbolos exatamente por não ter destaque no conjunto. O volume da igreja tem forma arredondada na frente, que apesar de ter curva uniforme, promove certo movimento. Sem muitos elementos fixos contrastando, a fachada do templo se torna pouco expressiva, principalmente se analisadas as referências culturais da comunidade a que se destina.

#### 4.3. A IGREJA DA COMUNIDADE

A rejeição ao templo entregue pelo consócio fica muito mais evidente quando a comunidade decide construir uma nova igreja. Um espaço que servisse de referência para toda cidade como templo religioso e para os católicos como espaço sacro.

Na figura 14 a seguir é possível identificar os elementos que compõem a imagem da igreja da comunidade:

Figura 14 – Igreja em construção pela comunidade na nova Itueta

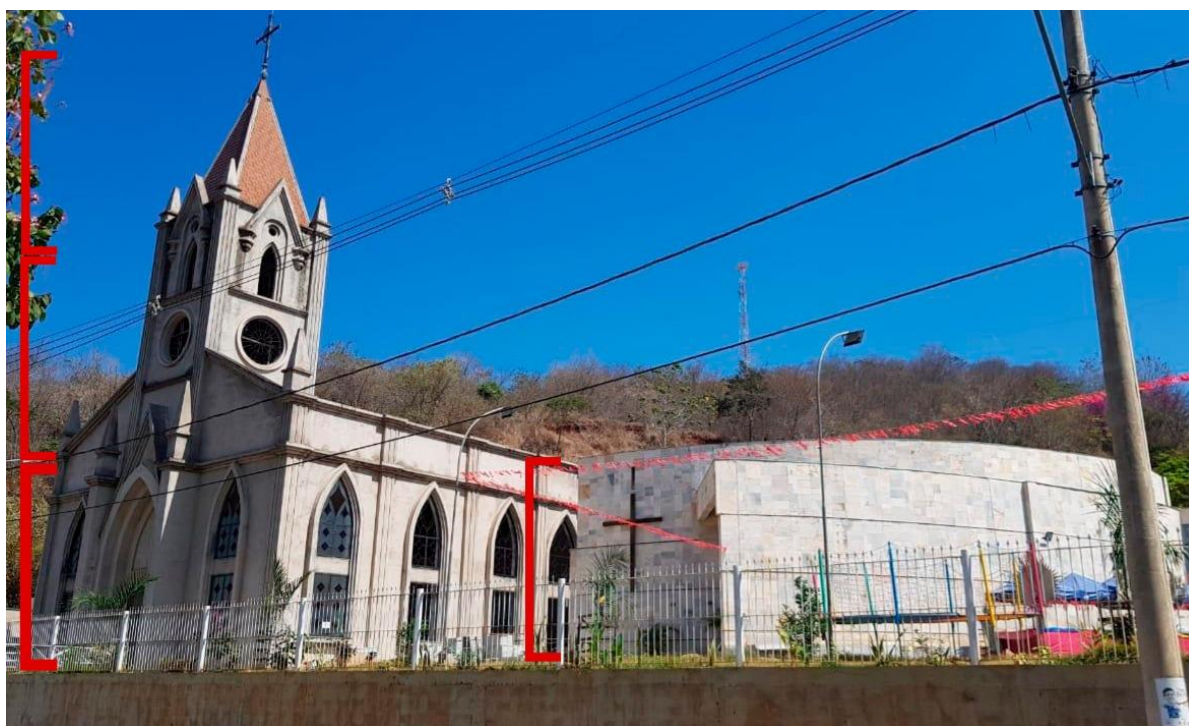


Fonte: Arquivo pessoal

Ali está novamente a torre do sino imponente sobre a paisagem, localizada no centro de uma fachada simétrica formada principalmente por linhas que apontam para o céu e assim, verticalizam o olhar de quem a observa. A igreja está novamente no alto de uma escadaria, com um pátio de entrada que antecede a portada, mas essa passagem é mais exuberante que da igreja antiga, assim como as janelas, e todas essas aberturas com o arremate superior em arcos ogivais. A torre tem a cruz no topo e o telhado aparente, porém o acabamento entre estes dois elementos é feito com uma grimpã, ornamento que não existia na igreja antiga.

A igreja da comunidade se impõe sobre a edificação a seu lado em altura, tamanho, forma, janelas, portada, ornamentos e símbolos, nos pontos de vista quantitativo e qualitativo da questão. Observando que a igreja do consórcio não tem em sua fachada janelas, óculos, pináculos, cimalkhas e os demais elementos que a comunidade valoriza. Além disso, a proporção de altura entre as duas edificações é aproximadamente de um para três, ou seja, a igreja da comunidade é três vezes mais alta que o templo entregue pelo consórcio, assim como podemos observar na figura 15. De todas as maneiras possíveis, a edificação ainda inacabada busca inferiorizar a igreja construída entregue pelo consórcio e este “recado” vai se evidenciando quanto mais o observador se aproxima dos prédios.

Figura 15 – Comparação altura igrejas nova Itueta



Fonte: Arquivo pessoal

Analisando a arquitetura dentro de um contexto hierárquico, entendemos que as dimensões são uma maneira de determinar a importância ou a relevância, ou seja, uma edificação que quer demonstrar ser mais relevante que a outra se coloca mais alta e maior, mas não são só estes os aspectos que provocam sensações no observador de uma edificação. No caso de Itueta, podemos observar na igreja da comunidade como a quantidade de janelas e ornamentos, por exemplo, são tão imponentes quanto suas dimensões, principalmente, quando as comparamos com a edificação do templo entregue pelo consórcio. Hierarquicamente, a igreja da comunidade se apresenta imperativamente sobre o templo ao seu lado que parece estar encolhido diante de outro com tanto vigor.

Outra semelhança encontrada entre as igrejas idealizadas pela comunidade das cidades de Itueta, são as linhas verticais da volumetria. Assim como apontamos na igreja da memória, na figura 16 podemos fazer a mesma análise pragmática dos traços predominantemente verticais (em vermelho) e das linhas usadas para compor a fachada que não tem o mesmo sentido (em azul):

Figura 16 – Igreja antiga com destaque das linhas da fachada



Fonte: Arquivo pessoal

Assim como na igreja da antiga Itueta, essa linguagem remete a um direcionamento ao alto, tanto do olhar do observador quanto da crença do fiel, unido a forma ao significado, indicando a volumetria arquitetônica em análise como um símbolo sagrado validado como tal e estimado pela população. Dentro desta compreensão afirmamos a arquitetura sacra destas igrejas, em seu conjunto, como recurso semiótico.

Esta nova edificação possui volumetria, elementos e ornamentos semelhantes à igreja da antiga Itueta. Todavia, o templo que a comunidade se propõe a construir, é na verdade uma imponente demonstração de negação à edificação entregue pelo consórcio. Na comparação da proporção, visualmente é possível identificar que o novo templo se ergue como um fortaleza diante da pequena construção da igreja do consórcio, essa sensação se acentua também em função das linhas predominantemente horizontais do edifício rejeitado pela comunidade.

O interior da igreja da comunidade não será analisado neste trabalho por ainda estar incompleto, faltando muitos acabamentos que comprometem uma análise minimamente próxima à investigação feita nos demais templos estudados.

Diante deste cenário podemos entender que ao buscar elementos, ornamentos e formatos, da igreja antiga, resgatando a memória e a identidade da comunidade, a arquitetura da igreja em construção, revela concretamente a presença do território da antiga Itueta, ao mesmo tempo em que as proporções e a quantidade de ornamentos se contrapõem ao território do consórcio, exposto pelo templo sem significado para a comunidade. Vemos assim, os vários territórios presentes: Itueta antiga, consórcio e nova Itueta, coexistindo e influenciando na vivência das pessoas que se relacionam com eles. Assim, as multiterritorialidades transparecem através da arquitetura sacra da igreja católica da matriz da paróquia São João Batista de Itueta.

O templo ainda em construção pela comunidade, não tem todos os materiais de revestimento e não recebeu pintura, de qualquer forma vamos analisar a imagem que temos no momento:

- a) Segregação: a escadaria aparece aqui também como o ponto de segregação da igreja com o plano abaixo, a cidade, distinguindo o espaço sagrado do profano.
- b) Separação: observamos que além do telhado aparente da torre, há também um grampo separando a cruz dos demais elementos da fachada.



A cruz fica em evidência, concedendo assim ainda mais força a este símbolo.

- c) Permanência: neste caso a própria condição de construção inacabada remete a uma situação transitória, no contexto da cidade, este quadro temporário é motivo de expectativa e tem sua evolução acompanhada por toda a comunidade.
- d) Permeabilidade: as janelas e porta tem grande destaque na fachada, além permitem a entrada de luz, ventilação e o olhar do observador externo, estes elementos são destacados por cimalthas que enfatizam os arcos ogivais e dão mais representatividade às aberturas.
- e) Rima / contraste: em função da ausência de cores e materiais, por enquanto, os arcos ogivais presentes nas janelas sineiras, na porta e nas demais janelas da fachada promovem uniformidade entre elementos, além dos pináculos se assemelharem com a torre e com cimalthas em formato triangulares localizadas acima da porta e da janela cinera.

Da mesma maneira que fizemos as análises das imagens isoladas dos templos, agora iremos investigar o conjunto que se apresenta ao observador na nova Itueta. Nesta análise iremos considerar o templo que foi demolido mas permanece presente na memória da comunidade.

- a) Segregação: além da escadaria que divide o espaço sagrado do profano encontramos a segregação mais nítida ao compreender que tamanha diferença entre os dois templos existentes os torna elementos de ordens diferentes. Vendo o ponto de vista do ituetense, as duas segregações associadas, contribuem para a reprovação do templo do consórcio, que neste ponto de vista, pode ser entendido como parte do profano e não do espaço considerado sagrado por aquela população.
- b) Separação: o espaço vazio entre os templos é a separação mais visível, que é relativamente estreita, tendo como referência as alturas das edificações por exemplo, provocando um certo paradoxo de separação aproximada que pode ter ocorrido em função do limite de espaço, mas findou por provocar uma inferiorização da igreja do consórcio, que se torna menor quando comparada com a igreja da comunidade. Todavia, existe ainda a separação temporal, que é diferente da espacial, mas se apresenta na memória da população. Há uma separação entre estes

templos e o templo da antiga Itueta, que é um dos territórios sobrepostos neste contexto.

- c) Permanência: novamente o estado inacabado da igreja da comunidade se apresenta como uma situação transitória, assim como, é provisória a utilização da igreja construída pelo consórcio, até que a definitiva fique pronta. Percebe-se isso com a evolução da construção da igreja da população. Além disso, há o vínculo com o padrão da arquitetura sacra local.
- d) Permeabilidade: este é provavelmente o ponto de maior discordância entre as duas edificações, uma com janelas e porta com grande destaque na fachada, realçadas por cimalkas que dão mais representatividade às aberturas, e a outra que não é permeável ao olhar do observador. A disparidade faz com que a edificação do consórcio fique ainda mais desigual das referências simbólicas da religião.
- e) Rima / contraste: as duas edificações estão cada uma com sua uniformidade de cor, a edificação do consórcio com a pedra São Tomé e a igreja da comunidade ainda só no reboco, mesmo assim a diferença entre os dois acabamentos remete a um contraste muito claro. O estado inacabado da igreja da comunidade neste ponto da análise recebe uma contribuição que Van Leewen considera, que é o pensar em possíveis usos futuro, se atualmente já existe contraste, quando a igreja da comunidade receber a pintura, as duas igrejas terão ainda mais diferenças. Existe harmonia entre os elementos do templo em construção, assim como há na igreja modernista, mas entre elas há uma discrepância muito grande.

Para completar a análise semiótica destas imagens, devemos então entendê-las como uma mensagem, uma representação de algo que pode ser traduzido ou lido com as significâncias sociais do contexto. É um texto, um discurso! Como os discursos são construídos a partir de algum aspecto da realidade, eles se desenvolvem dentro de um contexto social específico e podem ter amplos contextos de dimensões globais ou pequenos como um ambiente familiar por exemplo (VAN LEEWEN, 2005).

Sobre esta leitura externa temos alguns pontos que se destacam: a diferença de estilos arquitetônicos entre as duas igrejas da nova Itueta, a semelhança da

igreja da comunidade com a matriz da Itueta antiga: a exuberância do templo em construção em contraponto à igreja do consórcio.

O discurso da disparidade é também a busca pelas identidades daquelas pessoas. É a comunidade, com uma igreja nos moldes da antiga, dizendo que não aceita o templo entregue pelo consórcio. Esse discurso externa a rejeição às maneiras do consórcio propor a territorialização de um espaço que não é dele, usando de referências simbólicas que a comunidade não reconhece como sagradas e acaba por se tornar uma edificação que se liga mais a uma ideia comercial que religiosa. Por isso a comunidade entende o templo como algo mais ligado ao profano que ao sagrado, afastando também o sentimento da familiaridade com esse espaço.

A semelhança da igreja da comunidade com a igreja antiga, pode ser entendida como um discurso de identidade, um reforço à tradição cultural daquela população. É a comunidade dizendo que tem a sua maneira de territorializar buscando pertencimento através dos seus símbolos e quer marcar o espaço com a sua cultura e identidade.

A leitura que consideramos mais interessante dentro deste contexto complexo, é o vigor que a igreja da comunidade demonstra ter em comparação com a igreja do consórcio. Além da altura, existem as janelas, portas, cimalhas, torre, pináculos, tudo em busca de uma suntuosidade identitária. A igreja da comunidade é vigorosa e ofusca o templo do consórcio como se o achatasse, esmagando junto a tentativa de imposição territorial do consórcio.

Ainda mais interessante é quando entendemos que esta igreja embora inacabada, é também mais vivaz que a sua referência, a igreja da memória. O novo templo da comunidade, não replica a igreja da antiga Itueta, é como se ele fosse a evolução da igreja que atualmente só existe na memória, como uma homenagem, uma exaltação àquele símbolo da cultura, da sacralidade, da arquitetura e das identidades daquela comunidade.

#### 4.4. CONFESSIONÁRIO: ESPAÇO PARA EXPOR O SENTIMENTO GUARDADO

Nos estudos sobre a mudança de lugar da cidade, os relatos trazem muita dor e sofrimento, sentimentos registrados por Pinheiro e Sevá Filho (2006), Maranhão (2010), Silva e Silva (2012), Lopes *et al.* (2012), Genovez (2013), Genovez *et al.*

(2012), Santos e Biavati (2015), Santos e Siqueira (2015), Santos e Biavati (2017), Santos, (2013), Santos (2017), e o principal ponto que choca e traz à tona a indignação com a situação, é a demolição da igreja católica estudada, entre outras questões da cidade, por Costa (2011) que, através de análise de entrevistas dos ituetaenses, considerou violenta a demolição da igreja e que o estranhamento causado pela perda do templo demonstra o amor que as pessoas tinham pela igreja.

Neste trabalho, a nossa análise do ponto de vista dos ituetaanos terá como base dois vídeos, um deles registra a Itueta antiga,

No primeiro vídeo temos a igreja da antiga Itueta já em fase de demolição. O vídeo inicia-se com a fachada frontal já sem as esquadrias e com um trabalhador retirando a cruz da torre principal, como podemos observar na figura 17. As imagens revelam a “derrubada” da igreja católica, não como a demolição de paredes de alvenaria, mas de aspectos muito além dos físicos envolvidos

Figura 17 – Trabalhador retirando a cruz da torre



Fonte: vídeo cedido por morador de Itueta

O vídeo é feito na fase final do deslocamento da população. Os trabalhos publicados indicam que neste contexto, não havia mais oposição quanto a mudança de local por parte da população. Já era algo visto como inevitável contudo, os moradores externavam insatisfação com a forma como o deslocamento estava acontecendo – a demolição - enquanto alguns ainda estão morando na cidade. A

população considerou uma total falta de respeito por parte do consórcio, que descumprido o combinado, que era de somente iniciar a demolição quando não houvessem mais moradores na cidade.

Já no interior da edificação, referido como “templo”, há uma conotação mais divina ao espaço. São apontadas algumas aberturas no forro, como início da demolição do mesmo, e o local se encontra sem as janelas. As imagens do altar foram feitas de maneira bem aproximada, como podemos notar na figura 18, e numa clara intenção de registrar cada detalhe para o caso da necessidade de refazer o altar exatamente como aquele. É muito significativo o fato desse registro ter a intenção de refazer aquele altar. Isto mostra que a população realmente o considerava belo, mais ainda, que se identificava com ele e queria um altar igual na nova igreja.

Figura 18 – Detalhe do altar



Fonte: vídeo cedido por morador de Itueta

Com as imagens dos detalhes identificou-se a restauração de algumas peças, demonstrando que a comunidade participava de forma ativa e pessoalmente na construção do espaço, contribuindo ativamente e assim integrando, fazendo parte, aquele espaço.

Nas imagens feitas a partir do coro da igreja revelam-se os momentos alegres da comunidade, em contraponto à tristeza da demolição. Logo em seguida a câmera é apontada para uma estrela feita em madeira no meio de muita poeira, como vemos na figura 19. Trata-se de um adorno para ser colocado na torre durante o tempo do natal. Mas uma torre que não existiria mais após a demolição do templo.

Figura 19 – Estrela feita pelo morador para a igreja



Fonte: vídeo cedido por morador de Ituetá

Retornando ao exterior, as imagens passam a mostrar a parte posterior da edificação. Nesse trecho do vídeo, fica mais claro o processo de desmontagem da igreja, como podemos observar na figura 20. O edifício principal é mostrado sem telhas, o pátio sem a maior parte do calçamento e o edifício anexo (sala de catequese, salão paroquial, etc) só com as paredes externas. Registrou-se também a insatisfação da população com o modo que a situação estava sendo conduzida, mas desta vez toma um caminho muito mais emotivo e as palavras são ditas claramente com muita emoção, indicando o aborrecimento dos moradores, com a responsabilidade da gestão do deslocamento e o desrespeito para com os sentimentos da população.

Figura 20– Registro externo da demolição da igreja



Fonte: vídeo cedido por morador de Itueta

O vídeo inicia mostrando o pátio, (área só foi entregue para a comunidade depois de muita conversa com o consórcio que não queria deixar o terreno para a igreja.) Dali as imagens seguem subindo pela rampa que fica atrás da igreja do consórcio se aproximando da edificação de apoio que, assim como o pátio, não estava nos planos do consórcio, mesmo tendo esses espaços na Itueta antiga. As anotações no caderno de campo indicam que os moradores tiveram que brigar para conseguir os referidos ambientes.

Ao se aproximar da igreja da comunidade as imagens apresentam uma área de circulação descoberta, existente entre o salão paroquial e a igreja. Local onde antes havia um barranco que precisou ser acertado para iniciar a obra do templo da comunidade. Neste ponto do vídeo, como as imagens são feitas de uma região mais alta, é possível perceber a forma da igreja do consórcio, que foi chamado por muitos “de moradores de  $\frac{1}{4}$  de um queijo partido”, já que o templo tem formato “em leque”. Deste ponto é possível analisar também, a desproporção entre os dois templos. Além da questão de ornamentos e estilos arquitetônicos, a capacidade do templo do consórcio é muito limitada.

Na continuidade das imagens, através de uma janela no alto é mostrado o interior ainda inacabado, mas o tempo que é gasto ao filmar o espaço demonstra a

satisfação da população com a evolução do processo construtivo. O forro e o piso da parte interna de igreja já prontos, e as paredes estão (no vídeo) com gesso aplicado a partir de uma altura aproximada de um metro e cinquenta centímetros.

Ao se encaminhar para outra direção, antes de descer a escada externa, a câmera é apontada para um local onde é o ponto para o sino da igreja, mas nossas anotações em caderno de campo indicam que o sino não era ouvido. Observamos que este ponto fica na parte posterior da igreja, contribuindo com essa ineficiência da propagação do som, que na cidade antiga era marcante no cotidiano da população (Costa, 2011). Em seguida o vídeo desce as escadas e mostra um bebedouro que foi improvisado no local para evitar circulação vertical dos fiéis.

Ao se aproximar de alguns materiais de construção e grande quantidade de peças de granito não instaladas, o vídeo se demora um pouco e logo em seguida aponta para o cartaz da festa que aconteceu no mesmo dia da gravação, com a finalidade de conseguir recursos financeiros para a construção. Apontando para uma janela instalada as imagens mostram que também há uma campanha para comprar os vidros das janelas. Por sua vez, a parte de ferragens das janelas está concluída. Reparamos que o vídeo se iniciou ao lado da igreja do consórcio, mas foi conduzido para próximo da igreja da comunidade e se prolonga ao mostrar seus elementos.

Na porta da igreja da comunidade as imagens são feitas para o pátio de entrada, no topo da escadaria, assim como existia na igreja da memória. Dentro do templo em construção as imagens novamente se prolongam. O local ambiente está ficando muito bonito e com certo requinte: tem granito polido instalado, gesso nas paredes, instalações para sistema de ar-condicionado, forro em madeira que, mesmo inacabada remete a um ambiente aconchegante. O vídeo é conduzido por todo o espaço interno da igreja lentamente até a saída, se encaminhando para a igreja do consórcio.

Em seguida as imagens são encaminhadas para mostrar a parte interna da igreja do consórcio, mas ainda do lado de fora, na entrada da igreja o morador aponta para a porta, filmando até seu topo. Na nave da igreja, é possível observar como ela é desproporcional também à quantidade de frequentadores, são poucos assentos e tem cadeiras de plástico espalhadas, estrategicamente, pelo ambiente, ocupando os espaços que não cabem os bancos, que são longos. Na nave, ainda observamos que existem infiltrações na laje e no forro.



Entrando pelo corredor que dá a acesso à sacristia o ituetense que conduz a filmagem, mostra ainda mais infiltrações, as manchas são maiores e mais visíveis e é assim também dentro da sacristia. No cômodo de uso dos celebrantes ele aponta uma escada helicoidal. Esse é o modelo que o consórcio usou em todas as edificações que deixou na cidade. Um elemento sendo usado recorrentemente em todas as construções, nos remete a um símbolo, uma maneira de marcar o território com suas características. Este formato de escada em caracol torna um ponto a ser destacado nesta análise dos ambientes internos desta edificação.

Já encerrando o vídeo, o morador mostra as instalações elétricas, os instrumentos musicais que estão no local dos músicos e o equipamento de som. Tal fato poderia fazer parte de uma simples filmagem, contudo, revela claramente a falta de interesse do morador e por mostrar o ambiente. Essa busca por mostra algo que possa ser interessante, desatrelada da arquiteta, juntamente com o curto tempo usado para filmar a igreja do consórcio, denota a falta de identificação com o espaço.

Encontramos alguns pontos de principal relevância nesta investigação, mas antes de aponta-los gostaríamos de observar que como o nosso objeto de estudo envolve três templos, sendo que dois deles são existentes, com uma extrema relação de proximidade e com arquitetura de estilos muito diferentes, nossa exploração está na maioria das vezes relacionada a uma comparação, mas nem sempre é assim na semiótica.

Ao analisar os vídeos destacamos as relações de disparidade entre o artesanal e o industrializado, o belo e o arrojado, o histórico e o inovador, o gótico e o modernismo. Todas estas relações são discursos presentes no cenário analisado. E todas elas são encontramos nos três templos, ou seja, territórios em múltiplas camadas sobrepostas, seja através dos espaços concretos, seja pela imaterialidade envolvida pela memória e pelos símbolos.

As narrativas obtidas na bibliografia consultada a respeito dos dois templos edificadas com os símbolos validados como sagrados pela comunidade traz tanto na Itueteta antiga como na nova, a participação da comunidade na construção do templo, seja indiretamente, colaborando para conseguir recursos para a obra, seja diretamente, pensando no projeto ou fazendo algum tipo de trabalho concreto no processo de construção. Este processo se opõe a igreja do consórcio, que é tratada como uma edificação que foi pensada sem sequer escutar a opinião da comunidade,

com a promessa de entregar uma edificação moderna e mais avançada. Podemos entender que existe um embate entre o artesanal e o industrializado, um discurso de “construção em comunidade” contra o de uma representação de desenvolvimento (LOPES *et al.*, 2012; GENOVEZ, 2013).

Temos o que podemos chamar embate estético e moderno. No vídeo 2 o templo do consórcio é muito arrojado, mas a comunidade não agrada do seu visual, isto é, não importa o quanto a forma da igreja se enquadre em um modelo arquitetônico ousado, a referência de beleza daquela população não é esta. Desta maneira, o discurso de audácia pretendido pelo consórcio, perde valor diante das referências de beleza. Estas referências se entrelaçam intimamente com o conceito de familiaridade tratado por Tuan (1980). Assim, temos a igreja demolida impondo suas formas e símbolos no território atual.

É na familiaridade que se apoia também o discurso de enaltecimento da história, que remete ao núcleo original, enfocando cada detalhe da igreja antiga, vislumbrando uma futura réplica na nova Itueta. Todo o trecho do filme que contém a igreja, se configura num documento de memória social e registro de história local. Se opondo a essa valorização da história há o discurso de ruptura, que se expressa na inovadora forma da igreja, que acaba por desconsiderar a formação histórica, cultural e identitária da comunidade.

Arquiteticamente, temos um aspecto muito interessante ao compreender os discursos comprometidos aos estilos das edificações envolvidas. O teocentrismo e a verticalidade do (neo)gótico exalta o sagrado, busca o alto como se buscasse à própria divindade, como se direcionasse o homem para o caminho do céu. Já o modernismo, enaltece a função e a técnica, num discurso de funcionalidade que muitas vezes se desprende dos símbolos por não aprovar adornos e ornamentos. No caso de Itueta, esta ausência dos símbolos acaba por impedir que a comunidade assimile a edificação como um espaço sagrado. Podemos então inferir que a arquitetura é praticada pela comunidade nas edificações religiosas da região, de modo a promover uma territorialização e expressão identitária. Por outro lado, a arquitetura modernista se torna uma marca do consórcio na paisagem. Além de não ter os símbolos considerados sagrados pelos ituetenses, carrega também o peso da antipatia, da dor do desenraizamento, por simbolizar com este modelo arquitetônico, o próprio consórcio tentando impor seu território sobre a comunidade.

Tendo em vista as análises desenvolvidas até aqui, podemos então chegar às indicações do que os ituetenses entendem como símbolos sagrados. Diante das fotografias e dos vídeos apresentados entendemos que a cruz, a torre, o sino, as cimalkhas, os pináculos, o tímpano, os óculos, os arcos ogivais e a escadaria, são elementos que associados entre si compõem uma imagem de sacralidade para aquela comunidade. Vejamos em detalhe cada significado:

- a) Cruz- Símbolo cristão mundialmente reconhecido e assimilado como referência de sacralidade, em especial dentro da comunidade católica. A cruz em Itueteta não é diferente, o elemento fica no ponto mais alto das igrejas aceitas pela população e foi inserida no templo entregue pelo consórcio para indicar que aquela é uma edificação religiosa.
- b) Torre – principal elemento da verticalidade da volumetria das igrejas no estilo neogótico estudadas. A torre concede altura e imponência à arquitetura das igrejas consideradas sagradas pelo ituetenses.
- c) Sino – além do som que fazia parte do cotidiano da população na antiga cidade, o elemento físico estava logo abaixo da cruz e na parte superior da torre, com espaço em evidencia na edificação. No templo entregue pelo consórcio, o sino não está na parte da frente e nem tem o destaque que a população gostaria.
- d) Cimalkhas e cornijas – elementos que agregam em ornamentação e delicadeza e destacam outros componentes como janelas, portas e tímpano.
- e) Pináculo – recurso de ornamentação que, com sua característica pontiaguda, acentua as linhas verticais da fachada e se associam à torre na indicação do céu, como se buscassem o divino no alto.
- f) Tímpano – funciona como base ou arremate inferior para a torre. O tímpano contornado pelas cimalkhas e cornijas faz a união central de muito elementos na fachada e serve também como referência da verticalidade buscada.
- g) Óculo – elemento redondo na fachada com tantas linhas verticais. O óculo quebra a monotonia visual e agrega à simetria nas duas igrejas aceitas pela comunidade, na igreja da memória se associa ao brasão harmonizando no sentido horizontal e na igreja da comunidade serve como referência a este brasão que não é usado na nova edificação.

- h) Arco ogival – arremate superior de janelas e portas, um dos elementos que caracterizaram fortemente a arquitetura gótica, os arcos tem formato que se assemelham a setas que apontam para o alto, como se indicasse um caminho até a divindade.
- i) Escadaria – as escadas à frente da edificação, não são necessariamente parte dela, tecnicamente são circulação vertical de acesso, mas elas compõem a fachada e servem como uma espécie de portal de acesso ao espaço sagrado. Diferenciando-o do profano que é o restante da cidade.

Além do aspecto do sagrado temos a linha de estudo contrária a esta ideia. Quais são então os símbolos do consórcio? Ou, símbolos não sagrados e por isso associados ao profano:

- a) Frisos metálicos – elemento que se assemelha às cimalkas das demais igrejas, mas tem espessura que, ao invés de remeter a uma ornamentação sacra delicada, enfatiza a horizontalidade do volume arquitetônico, enfatizando a sensação de achatamento da edificação. Além de ser em material metálico, que por si já remete a algo frio e comercial.
- b) Formato arrojado – a forma da igreja do consórcio considerada ousada, fugindo do tradicional, rompeu com o referencial arquitetônico de familiaridade da comunidade de Ituaeta. A cidade típica do interior tem cultura tradicional e costumes antigos, já seria de se esperar certa dificuldade em aceitar um formato diferente, mas esta forma associada a ausência dos demais símbolos culminou em rejeição por parte da população.
- c) Revestimento único – o uso de um único material para o revestimento de toda a parte externa da igreja do consórcio provoca monotonia ao observador, apesar da curvatura das paredes frontais a falta de contrastes não traz dinâmica ao olhar do observador. Quando entendemos que este observador está acostumado a uma arquitetura sacra com pelo menos duas cores externas, além de telhado aparente e vidro que alteram as texturas, podemos compreender que a monotonia de único material na igreja do consórcio, seja associada a outro tipo de edificação menos a espaço sagrado.

- d) Ausência de aberturas – a falta de janelas e portas frontais na igreja, impede a observação do interior da igreja ao observador externo. A princípio esta situação não apresenta ser de grande relevância, mas esta falta de permeabilidade ao olhar, remete a edificações carcerárias, como fortes ou cadeias, e dentro do contexto estudado encarceraram a população num território do consórcio que provocou sofrimento de muitas maneiras na população.

Estes aspetos apontados na análise da coleção aplicando o inventário elaborado, somam-se aos símbolos estudados no início deste capítulo e reafirmam a arquitetura como um poderoso recurso do processo analítico semiótico. Servindo de linguagem para expressar a cultura, os significados simbólicos, a identidade, a indignação frente ao consórcio, enfim, se faz voz da comunidade que, espontaneamente e de maneira inconsistente, faz uso da arquitetura sacra para expressa-se e satisfazer-se.

## 5. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na junção dos conceitos e disciplinas, abordados neste estudo, as conclusões obtidas ao longo da pesquisa se apresentaram verídicas, reais e possíveis. A interdisciplinaridade lançada sobre o objeto em análise, luzes que permaneceriam apagadas se olhadas exclusivamente a partir da perspectiva da arquitetura. Esta aluminação ao desenvolver a pesquisa não é fácil. Unir em um fluxo analítico simbiótico, áreas do conhecimento que (ainda) se estruturam isoladamente, foi o grande desafio desta pesquisa. Mas através dele e, somente assim, vislumbramos as luzes que agora incidem sobre as igrejas das Ituetas analisadas e nos mostram, este complexo cenário, com mais clareza. Ficamos agora com a certeza que não é mais possível voltar a olhar Itueteta e seus templos católicos disciplinarmente, após conhecer tanto aspectos interligados a eles. A Geografia da Religião com seu território plural e subjetivo, a Arquitetura Sacra com os símbolos sagrados e seus significados, e a História da população através de sua memória coletiva, são, a partir de agora para nós, intrínsecos ao cenário ituetense. Bem como o nosso olhar, enquanto pesquisadores, não mais se acostumará a enxergar sem essas luzes interdisciplinares.

Um aspecto muito claro nas fontes pesquisadas é a ligação da participação da comunidade com a formação do espaço. A igreja antiga e a igreja da comunidade tem participação direta dos moradores ao pensar os espaços, na construção, na fiscalização das obras. A igreja do consórcio não tem participação alguma da população a qual ela se destinava, não tem a marca das pessoas. Ela é uma marca do consórcio, um símbolo. A existência de símbolos do consórcio e ausência dos símbolos da comunidade é uma completa inversão tanto do desejo daquelas pessoas quanto do que elas trazem na memória do espaço de familiaridade.

Analisando a arquitetura dos três templos fica clara a abrupta ruptura que a população viveu, não há no templo do consórcio ligação com a comunidade, perdeu-se a referência visual de continuidade histórica necessária na formação de identidade. Pallasmaa (2017) afirma que esse sentido histórico é que traz a possibilidade da existência de significados culturais coletivos e propósitos sociais e ainda completa:

É esse sentido histórico que confere às obras profundas sua combinação de humildade, paciência e serena autoridade, enquanto as obras que aspiram desesperadamente por novidade e originalidade sempre aparentam ser arrogantes, forçadas e impacientes. (PALLASMAA, 2017, p.121)

As igrejas católicas de Itueta se enquadram na afirmação do arquiteto de todas as formas possíveis. Com a promessa de entregar um templo mais “moderno” para a população o consórcio entregou uma edificação que forçava a população a conviver com um espaço que não foi reconhecido como sagrado e não agradou visualmente àquela população.

A igreja construída pelos moradores coloca em paralelo no tempo-espaço a Itueta antiga e o templo católico que lá havia. Demonstrando a presença deste território vivo na memória da população. São, portanto, multiterritórios coexistindo através da memória coletiva. Pallasmaa (2017) faz a ligação do sentimento de enraizamento com a arquitetura, argumentando que os lugares antigos são importantes principalmente porque são capazes de estruturar e modificar nossas experiências de mundo.

Além disso, enriquecem nosso mundo sensorial e empírico nos enraizando no curso do tempo e oferecendo sensação de proteção e segurança. A arquitetura carregada de significados nos permite sentirmo-nos como seres corporais e espiritualmente completos. Assim, compreendemos como a arquitetura entregue aos ituetenses pelo consórcio não atendeu aos anseios culturais, espirituais e visuais da população, não desenvolveu raízes por não considerar as experiências de mundo daquela população e não lhes proporcionar proteção.

Ao visitar o contexto da nova Itueta, articulando-o aos conceitos estudados, notamos a antiga cidade presente na memória coletiva, quando percebemos a busca pelos costumes, a intenção de tornar o espaço mais familiarizado, a clara necessidade de ter a identidade empregada no espaço sacro através da arquitetura, constatamos multiterritorialidades: a antiga Itueta, o território do consórcio e a nova cidade.

A arquitetura sacra conseguiu trazer à tona os multiterritórios existentes em Itueta por carregar os símbolos assimilados e identificados pela população, por ser capaz de demonstrar a fé, a cultura religiosa, a memória e o pertencimento de forma concreta e imaterial, por servir de instrumento de territorialização para aquela comunidade.

Pallasmaa (2017) entende que o significado arquitetônico é sempre contextual, relacional e ligado ao tempo, que só articulando o passado às grandes obras se consegue atingir densidade e profundidade. Os produtos da novidade superficial são frágeis, incompreensíveis e carentes de significados. Os templos católicos da paróquia São João Batista da nova Itueta, são exemplos práticos dessa afirmação. Ao negar a história e o contexto da “velha Itueta” o consórcio produziu um templo que foi imediatamente descartado pela população que não vê significado algum na edificação que não tem os símbolos de sua referência.

O templo construído pela comunidade não é uma réplica da antiga igreja. Ela é maior, com técnica, ornamentos e elementos externos e internos mais elaborados e mais atuais. Tem referências claras ao templo demolido, mas o que analisamos ao final desta pesquisa é que, na verdade, o novo templo quer fazer oposição ao templo do consórcio. É uma demonstração de como a comunidade rejeita o consórcio e quer colocar sua identidade na nova cidade, ou seja, a arquitetura usada no templo da comunidade é a representação da identidade, demonstra a familiaridade da comunidade local com o espaço, não é uma cópia do templo antigo, é contraposição do templo que está ao lado que traz externamente mais referências a uma empresa que a um espaço sagrado.

Juhani Pallasmaa (2017) afirma que a linguagem condiciona os nossos conceitos e maneiras de usar o espaço, que a geometria de nossa linguagem articula nosso ser-no-mundo e assim ela define o território pessoal. O autor afirma que “é frustrante ser forçado a viver em um espaço que não possa ser reconhecido e marcado como um território pessoal” (2017, p.24). Em Itueta esses conceitos são evidentes. Nesta pesquisa percebemos o quanto a ausência dos símbolos religiosos e da arquitetura considerada sacra pelos ituetenses que estão presentes na memória coletiva da população e colaboram com formação de multiterritórios, provoca a frustração da comunidade carente das referências de identidade e pertencimento.

A memória coletiva em Itueta mostra ter “raízes culturais” sedimentadas ~~financadas~~ na história. Pallasmaa (2017) trata este aspecto como um “senso histórico” e afirma que esta é uma dimensão mental internalizada e é isto que vincula o arquiteto e o artista com a continuidade da cultura e funciona como uma coluna vertebral de sua linguagem e eloquência. Desta forma podemos afirmar que os multiterritórios e a arquitetura se tornam consubstancias através de um contexto



permeado de significados histórico-culturais que fazem parte de uma memória coletiva intrinsecamente vinculada ao passado, mas em contínua transformação.

O discurso que é possível aduzir diante das duas edificações das igrejas católicas da nova Itueta é evidente: a comunidade e sua história, seus costumes e crenças, sua cultura e identidade, são maiores, mais fortes e mais poderosas que o consórcio, seu dinheiro e as suas articulações políticas. A imposição de um templo completamente diferente do que existia na antiga Itueta não foi suficiente para calar um povo que sofre com uma mudança brusca e completa do território, mas que luta para territorializar verdadeiramente o novo espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

BARBOSA, Eduardo Macedo; BARATA, Matha Macedo de Lima; HACON, Sandra de Souza. A saúde no licenciamento ambiental: uma proposta metodológica para a avaliação dos impactos da indústria de petróleo e gás. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 2, p.299-310, fev. 2012.

BRASIL. IBGE. **Itueta**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itueta/panorama>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CAMACHO, Petra Lúquez de; CELAYARÁN, Otilia Fernández de. La teoría fundamentada: precisiones epistemológicas, teórico-conceptuales, metodológicas y aportes a las ciencias. **Cumbres: Revistacientífica**, Zulia, Venezuela, v. 1, n. 2, p.101-114, abr. 2016.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 391p.

\_\_\_\_\_. **A filosofia das formas simbólicas**. Trad. de Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASTEL, Robert. **Des individus sans supports**. In: Châtel, Vivianne; Soulet, Marc-Henry. Agir em situation de vulnérabilité. Québec: Les Presses de L'Université Laval, 2003. p. 51-62.

COSTA, Priscila Rosa Bandeira da. **O sentido diferenciado do deslocamento compulsório da população de Itueta, MG**. 2011. 265 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Es, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1962.

\_\_\_\_\_. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERNANDES, Francisleila Melo Santos. **Configurações territoriais: o projeto minerário Minas-Rio e as comunidades desenraizadas**. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado Interdisciplinar Gestão Integrada do Território, Universidade Vale do Rio Doce - Univale, Governador Valadares, 2016.

FOLLY, Maira; MUGGAH, Robert. Refugiados brasileiros: A violência força muitos a se deslocarem no país. **O Globo**. Rio de Janeiro. 08 mar. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/refugiados-brasileiros-22466197>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

FRADE, Gabriel dos Santos. **Arquitetura e liturgia**: as contribuições do movimento litúrgico à arquitetura católica paulistana (1933-1962). 2012. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, São Paulo, 2012.

GENOVEZ, Patrícia Falco; VALADARES, Vagner Bravos; SANTOS, Thiago Martins. Entre as fronteiras do poder, do cotidiano e da narrativa: a experiência da realocação da 'Nova' Itueta. **Clio**: Revista de pesquisa histórica, Recife/ PE, v. 2, n. 30, dez. 2012.

GENOVEZ, Patrícia Falco. Entre o território comunitário e o território societário: os impactos na realocação de Itueta - MG. **Geografia**, Londrina, v. 22, n. 2, p.139-158, ago. 2013.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, S.; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Da percepção e Cognição à Representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007. p.207-222.

\_\_\_\_\_. Da ontologia do sagrado de Rudolf Otto ao sagrado como forma simbólica. In: JUNQUEIRA, S. (org.). **O Sagrado: fundamentos e conteúdo do ensino religioso**. Curitiba: Ibpex, 2009. p.67-89.

\_\_\_\_\_. Por uma geografia do sagrado. **RA'E GA**: o Espaço Geográfico em Análise, Curitiba, v. 5, p. 67-78, 2010a.

\_\_\_\_\_. Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. **RA'E GA**: o Espaço Geográfico em Análise, (UFPR), Curitiba, v. 3, p. 91-120, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Espacialidades de Conformação Simbólica em Geografia da Religião**: Um Ensaio Epistemológico. Espaço e Cultura (UERJ), v. 32, p. 78-90, 2012.

GIONGO, Carmem Regina. **"Futuro roubado"**: banalização da injustiça e do sofrimento social e ambiental na construção de hidrelétricas. 2017. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

GIONGO, Carmem Regina; MENDES, Jussara Maria Rosa; SANTOS, Fabiane Konowaluk. Desenvolvimento, saúde e meio ambiente: contradições na construção de hidrelétricas. **Serviço Social & Sociedade**, n. 123, p.501-522, set. 2015.

GIONGO, Carmem Regina; MENDES, Jussara Maria Rosa; WERLANG, Rosângela. Refugiados do desenvolvimento: a naturalização do sofrimento das populações atingidas pelas hidrelétricas. **Revista Estudios Brasileños** v.3, n.4. p.01-114. 2016.

GLASER. BG; STRAUSS. AL; organizadores. **The discovery of grounded theory**. New York: Aldine Publishing Company; 1967.

GRAGOE, Carol Davidson. **Como decifrar arquitetura**: Um guia visual completo dos estilos. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

HAESBAERT, Rogério. Identidadesterritoriais. In. **Manifestações culturais no espaço**.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" a multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004a.

\_\_\_\_\_. **Precarização, reclusão e "exclusão" territorial**. Terra Livre n. 23. 2004b.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, v.2013, 1968.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social**. In: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio. In: Território e desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004, p.37-66.

IBGE. Censo de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/itueta/panorama>. Acessado em: 22 mar. 2018.

INSTITUTO IGARAPÉ (Brasil). **Dados sobre migrações forçadas**. 2018. Disponível em: <<https://igarape.org.br/dados-sobre-migracoes-forçadas/>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

ITUETA. PREFEITURA DE ITUETA. **Nossa História**. Disponível em: <<http://www.itueta.mg.gov.br/index.php/nossa-historia>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

LE CORBUSIER. **Carta de Atenas**. Tradução de rebecca Scherer. São Paulo: HUCITEC/edusp, s/d.

\_\_\_\_\_. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis (SC), v. 6, n. 72, p.2-23, ago. 2005.

LIMA, Marco Antônio Moraes. **Igreja, ícone da trindade espaço litúrgico, imago ecclesiae**. 2012. 266 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teologia, Faje – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012.

LOPES, Jayme Karlos Reis; TRIGUEIRO, Aline; CICCARONE, Celeste. Atingidos pelo futuro: Perspectivas e debates na instalação da UHE Aimorés/Itueta. **Sinais**: Revista Eletrônica, Vitória (ES), v. 1, n. 11, jun. 2012. CCHN, UFES.

MAGALHÃES, Sônia Barbosa. **Lamento e Dor**. Uma análise sócio-antropológica do deslocamento compulsório provocado pela construção de barragens. Belém, 2007.

Tese (Doutorado), Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Brasil; Universidade Paris 13, França, 2007.

MARANHO, Soniamara. **As mulheres atingidas por barragens e as contradições do modelo energético na vida das mulheres**. 2010. 19 f. Monografia (Especialização) - Curso de Extensão/especialização Energia e Sociedade no Capitalismo Contemporâneo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2010.

MARQUES, Gabriela da Silva et al. Deslocamento forçado e saúde mental: o caso da hidrelétrica de Itá. **Revista de Estudos Sociais**, Bogotá (Colômbia), n. 66, p.30-41, nov. 2018. Universidad de Los Andes.

MENEZES, Ivo Porto de. **Arquitetura Sagrada**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MUGGAH, Robert; FOLLY, Maiara. **O lado obscuro do modelo de desenvolvimento brasileiro**. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/O-lado-obscuro-do-modelo-de-desenvolvimento-brasileiro>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

MUGGAH, Robert. **The invisible displaced**: a unified conceptualization of Population Displacement in Brazil. 2015. Londres: Journal of Refugee Studies, Oxford University Press.

\_\_\_\_\_. **The shifting frontiers of displacement in Latin America**. In: PHILLIPE, B. Migration and Security. 2017. Reino Unido: Elgar

NICOLI, Sandra; SIQUEIRA, Sueli. Território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. In: **III Congresso Internacional - Territórios, poderes, identidades**. 2011, Vitória - Espírito Santo. v. 01. p. 1-12.

NICOLI, Sandra; SIQUEIRA, Sueli. Território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. In: NOVAS E VELHAS CONFIGURAÇÕES DA IMIGRAÇÃO BRASILEIRA NA EUROPA, 2012, Lisboa (Portugal). **Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa**. Lisboa (Portugal): ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, 2012. p. 29 - 42.

NORA, Pierre. **Entre memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento**: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2002.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Tradução de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

\_\_\_\_\_. **Essências**. Tradução de Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

PASTRO, Cláudio. **Arte Sacra: o espaço sagrado hoje**. Itapeverica da Serra: Casa São Lucas, 1993.

\_\_\_\_\_. **Guia do Espaço do Sagrado**. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pastor Arte Sacra**. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. **A arte no cristianismo: Fundamentos, linguagem, espaço**. São Paulo: Paulus, 2010.

PEREIRA, Clevisson Junior; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião e espaço sagrado: diferenças entre as noções de locus material e conformação simbólica. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-go, v. 6, n. 1, p.35-50, abr. 2012.

PEREIRA, Clevisson Junior. Geografia da religião: Um olhar panorâmico. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba - Pr, v. 27, p.10-37, 3 jan. 2013. Universidade Federal do Parana.

PEREIRA, Sonia Gomes. **A Historiografia da Arquitetura Brasileira no Século XIX e os Conceitos de Estilo e Tipologia**. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Disponível em: < [http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_sgp.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_sgp.htm) >. Acesso em: 06 de jul. 2019

PINHEIRO, Daniele. **Reestruturação do setor elétrico no Brasil e suas consequências no tratamento de questões sociais e ambientais: O Caso da Usina Hidrelétrica de Cana Brava, GO**. 2006. 113f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PINHEIRO, José Enesio. **Arquitetura Sacra Católica: Manuais para arquitetos**. Disponível em: <<http://arquiteturasacracatolica.com.br/manuais/para-arquiteto/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

PINHEIRO, Maria Fernanda Bacile; SEVÁ FILHO, Arsênio Oswaldo. Expansão Hidrelétrica no Período 2003 -2006: Conflitos Sociais e Institucionais em Novas Represas e nas Concessões Leiloadas. In: III ENCONTRO DA ANPPAS, 2006, Brasília. **Anais III Encontro da ANPPAS**. Brasília, 2006.

PUGIN, Augustus Welby Northmore. **The true principles of pointed or Christian architecture: set forth in two lectures delivered at St. Marie's, Oscott**. London: London, J. Weale, 1941.

ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia Cultural: Uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. 296 p. (Geografia Cultural).

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem Geográfica**. RJ. EdUERJ. 1996.

\_\_\_\_\_. **O Sagrado e o Espaço**. In CASTRO, I. E., GOMES, P. E. e CORRÊA, R. L. (org,s) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1998.

\_\_\_\_\_. **Hierópolis: o sagrado e o urbano.** Rio de Janeiro. EdUERJ. 1999.

\_\_\_\_\_. **Espaço, Política e Religião.** In Rosendahl, Z. e CORRÊA, R. L. (orgs) *Religião, Identidade e Território.* Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

\_\_\_\_\_. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: **Anais do X Encontro de geógrafos da américa latina.** 2005, São Paulo SP: Universidade de São Paulo, 2005. p. 12928 - 12942.

\_\_\_\_\_. Espaço, simbolismo e religião: resenha do simpósio temático. In: **Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades.** 2009. Maringá (PR): Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH, 2009. v. 1, p. 1-3.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Trilhas do Sagrado.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2010. 192 p. (Geografia Cultural).

\_\_\_\_\_. **Território e territorialidade: uma proposta geográfica para o estudo da religião.** In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L.. (Org.). *Geografia Cultural: Uma Antologia - Volume II.* 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, v. 1, p. 169-187.

SANTOS, Paulo Ricardo Lima dos. **Espaço sagrado e espaço simbólico na edificação da igreja São João Batista, em nova Itueta, MG.** 2017. 95 f. Monografia (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares-MG, 2017.

SANTOS, Thiago Martins. **Itueta: da articulação à desarticulação de um território (1926-2005).** 2013. 71 f. Dissertação (Mestrado) - Gestão Integrada do Território, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares-MG, 2013.

SANTOS, Thiago Martins; BIAVATI, Nádia Dolores Fernandes. Discursos sobre o território de Itueta frente à realocação compulsória: Análise discursiva da produção literária de um ituetense. **Letras & Letras,** Uberlândia, v. 31, n. 1, p.109-123, jun. 2015.

SANTOS, Thiago Martins; BIAVATI, Nádia Dolores Fernandes. Tensões e estranhamentos em discurso(s) de doceiras sobre a realocação compulsória de Itueta. **L&S Cadernos de Linguagem e Sociedade,** v. 18, p. 252-266, 2017.

SANTOS, Thiago Martins; SIQUEIRA, Sueli. Da 'velha' à 'nova' Itueta: memórias de uma realocação compulsória. In: Congresso Internacional de História, 7. 2015, Maringá. **Anais VII Congresso Internacional de História.** Maringá (PR), 2015. p. 465 - 477.

SARTORELLI, César Augusto. **O espaço sagrado e religioso na obra de Claudio Pastro**: Um estudo da produção arquitetônica e plástica de Claudio Pastro e da arquitetura religiosa brasileira no século XX. São Paulo: Alameda, 2013.

SCOTT, Russel Parry. Remoção populacional e projetos de desenvolvimento urbano. In: X Encontro nacional de estudos populacionais, 1996, Natal/RN. **Anais do X Encontro Nacional de Estudos populacionais**. Rio de Janeiro/RJ: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - Abep, 1996. v. 2, p. 813 - 834.

SILVA, Alex Sandro da; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **REVER**: Revista de Estudos da Religião, São Paulo - SP, v. 9, p.73-91, jun. 2009.

SILVA, Rene Gonçalves Serafim; SILVA, Vicente de Paulo da. Efeitos e processos de (des)territorialização na implantação da UHE de Aimorés (MG). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 42, p.104-115, jun. 2012.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. Trad. De Walter O. Schlupp, 5.<sup>a</sup> ed. São Leopoldo. Sinodal, 1996.

\_\_\_\_\_. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo. Sinodal, 5.<sup>a</sup> ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **Teologia da Cultura**. São Paulo. Fonte editora, 2009. 272p.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia** - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 288p.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo. Difel. 1983.

VAINER, Carlos B.; ARAUJO, F. G. B. **Grandes projetos hidrelétricos e desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.

VAINER, Carlos B. **População, meio ambiente e conflito social na construção de hidrelétricas**. In: George Martine. (Org.). População, meio ambiente e desenvolvimento: verdades e contradições. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 183-207.

\_\_\_\_\_. **O caso dos atingidos por barragens**. In: I. Carvalho, G. Scotto. (Org.). Conflitos sociais e meio ambiente: desafios políticos e conceituais. Rio de Janeiro: IBASE, 1995, v. 1, p. 39-74.

\_\_\_\_\_. Estado e Migrações no Brasil: anotações para uma história das políticas migratórias. **Travessia** (São Paulo), v. XIII, n.36, p. 15-32, 2000.

\_\_\_\_\_. **O conceito de atingido**: uma revisão de debates e diretrizes. Rio de Janeiro: Prelo. 2003.



\_\_\_\_\_. Conceito de "Atingido": Uma Revisão do Debate. In: ROTHMAN, F. D. (Ed.). **Vidas Alagadas**: Conflitos Socioambientais, Licenciamento e Barragens. Viçosa: Ed. UFV, 2008. p. 39-62.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing social semiotics**. New York (USA): Routledge, 2005.

VIANA, João Paulo. As atividades de pesca e aquicultura na bacia do rio doce: As atividades de pesca e aquicultura na bacia do Rio Doce. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental (Ipea)**. Brasil, v. 16, p.103-113, jun. 2017. Semestral.

VIGNATTI, Marcilei Andrea; SCHEIBE, Luiz Fernando; BUSATO, Maria Assunta. Projetos hidrelétricos em Santa Catarina. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p.165-176, ago. 2016.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Org.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. (Museu da Pessoa).

ZILLES, Urbano. **Crer e compreender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Coleção Filosofia, nº 175

\_\_\_\_\_. **Significação dos Símbolos Cristãos**. 6. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.